

COMISSÃO DA VERDADE

PRESIDENTE

DEPUTADO ADRIANO DIOGO – PT

14/03/2013

COMISSÃO DA VERDADE.

BK CONSULTORIA E SERVIÇOS LTDA.

14/03/2013

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Bom dia a todos. Está instalada a 21ª audiência pública da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo Rubens Paiva.

Audiência sobre os casos de Heleny Telles Ferreira Guariba e Paulo de Tarso Celestino, 14 de março de 2013, auditório Teotônio Vilela.

Nesta sessão, dia 14 de março, na Assembleia Legislativa, no auditório Teotônio Vilela, para a oitiva dos depoimentos sobre os casos de Heleny Telles Ferreira Guariba e Paulo de Tarso Celestino, desaparecidos em 12 de julho de 1971.

Uma apresentação das atrizes, Dulce Muniz, Egle Monteiro, Leandro Lago e Beto Capeta, uma pequena dramatização lembrando a memória e a obra da nossa querida Heleny.

Dulce Muniz.

* * *

- É feita a dramatização.

* * *

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O Ricardo Kobayashi vai fazer a leitura do memorial da Heleny e do Paulo de Tarso. Em seguida nós vamos passar para a composição da Mesa.

Faz só o contexto, a Tatiana Merlino vai ler.

Então, com a leitura de Tatiana Merlino, os dados biográficos de Heleny Telles Guariba.

A SRA. TATIANA MERLINO – Heleny Telles Ferreira Guariba, desaparecida em 12 de julho de 1971. Dados pessoais Heleny Telles Ferreira Guariba. Data de nascimento, 17 de março de 1941. Local de nascimento: Bebedouro, São Paulo, Brasil. Organização política: Vanguarda Popular Revolucionária, VPR.

Dados biográficos, Heleny Telles Ferreira Guariba, que também era carinhosamente chamada pela família de Lenita, era filha de Isaac Ferreira Caetano e Paschoalina Ferreira. Em 1946, seu pai veio a falecer, tendo sido criada então pela mãe e uma tia. Foi casada com o professor universitário Ulysses Telles Guariba, ela o conheceu quando estudavam Filosofia na USP. Casaram-se em 1962 e separaram-se em fins de 1969. Tiveram dois filhos, Francisco e João Vicente. Heleny sempre se voltou aos estudos e as atividades culturais. Depois de estudar Teatro, passou a lecionar Teoria Teatral na EAD, Escola de Artes Dramáticas. Em 1965 recebeu bolsa de estudos do Consulado da França em São Paulo, especializando-se na Europa, onde ficou com o marido até 1967.

No velho continente fez doutorado em Teatro em Paris e estagiou no Berliner Ensemble, de Bertold Brecht, no teatro The City, de Roger Blanchon e no teatro Peter Brook, em Londres. Ao voltar ao Brasil, foi contratada pela Prefeitura de Santo André, onde se tornou a diretora do grupo de teatro da cidade, que reunia operários e estudantes. A montagem, que realizou com o grupo de George Dandin, de Molière, foi premiada em 1968 pela Associação Paulista dos Críticos de Arte.

Com a edição do AI-5, seu trabalho foi interrompido.

Em março de 1970, foi presa em Poços de Caldas, em Minas Gerais. Já separada do seu marido, foi localizada no DOPS, São Paulo por ele e seu sogro, o general da Reserva, Francisco Mariani Guariba. Tinha marcas roxas nas mãos e nos braços provocadas por choques elétricos. Na OBAN, foi torturada pelos capitães Albernaz e Homero, tendo sido internada no Hospital Militar durante dois dias, em função de hemorragia provocada pelas torturas.

Durante um ano, Heleny cumpriu pena no Presídio Tiradentes, sendo assistida por seu advogado José Carlos Dias, que depois se tornou presidente da CJ São Paulo e posteriormente ministro da Justiça.

Em abril de 1971, conseguiu a liberdade quando passou algum tempo com a mãe e a tia. Retornou às suas atividades profissionais, dando aulas de Teatro, mas foi novamente presa três meses depois.

Paulo de Tarso Celestino da Silva, desaparecido em 12 de julho de 1971. Dados pessoais. Nome: Paulo de Tarso Celestino da Silva. Data de nascimento: 26 de maio de 1944. Local de nascimento, Morrinhos, Brasil. Organização política: ALN.

Estudou no Colégio Universitário da UFG, onde concluiu o curso de Humanidades em 1962 e foi escolhido orador da turma. Ingressou na Faculdade de Direito da UNB, onde se formou aos 23 anos em 1967. Foi Presidente da FEUB. Exerceu advocacia em Goiânia e chegou a fazer sustentação oral no STF. Em 1968, viajou para a França e fez pós-graduação na Sorbonne.

Segundo o documento do DOPS São Paulo, de 10 de janeiro de 1972, baseado em relatório da Aeronáutica, esteve em Cuba, onde fez curso de guerrilha rural e urbana, entre julho de 1969 e janeiro de 1970. Retornou ao Brasil em março de 1971 e, em 24 de março do mesmo ano, foi julgado e condenado à revelia a pena de dois anos e seis meses de reclusão. Poucos meses, depois foi preso, vindo a desaparecer.

Dados sobre o desaparecimento de Heleny Telles Ferreira Guariba e Paulo de Tarso Celestino da Silva.

Heleny e Paulo de Tarso foram presos por agentes do DOI-CODI Rio de Janeiro, em 12 de julho de 1971, no Rio de Janeiro e nunca mais foram vistos. O relatório do Ministério da Aeronáutica, encaminhado ao ministro da Justiça, em 1993, afirma que

Heleny foi presa em 20 de outubro de 1970, em Poços de Caldas, sendo liberada em 1º de abril de 1971.

O relatório do Ministério do Exército informa que foi presa em 24 de abril de 1970, durante a Operação Bandeirantes, e libertada em 1º de abril de 1971.

Conforme depoimento de seu ex-marido, Ulysses Telles Guariba Neto, Heleny foi solta em fim de janeiro de 1971 por decisão da própria Justiça Militar. Ao ser libertada, desejava viajar para o exterior. Ela tinha também a intenção de ajudar familiares de perseguidos e mortos. Ficou uns tempos na casa da mãe e na casa de amigos, enquanto se preparava para tal viagem. Por volta do dia 25 de julho, recebeu um telefonema em casa informando que Heleny havia sido presa no Rio de Janeiro. “Meu pai foi para Brasília, bem como ao comando do 1º Exército, no Rio de Janeiro, procurando autoridades e amigos. Todas as informações foram no sentido de que Heleny não havia sido presa, e que provavelmente havia embarcado para o exterior”.

Com a segunda prisão, não foi dada mais nenhuma informação da polícia sobre Heleny e Paulo. Nem o general Guariba conseguiu respostas. Foi ao Ministério do Exército, ao SNI, ao Comando do 1º Exército, em todos os lugares possíveis na busca de autoridades e amigos que pudessem dar informações sobre o paradeiro de Heleny.

Inês Etienne Romeu, em seu relatório sobre sua prisão no centro clandestino do CIE em Petrópolis, no Rio de Janeiro, conhecido como Casa da Morte, testemunhou que durante o período em que esteve sequestrada naquele local, dentre outros desaparecidos, ali estiveram no mês de julho, Walter Ribeiro Novaes, Paulo de Tarso e uma moça que acredita ser Heleny.

Nesse cárcere clandestino, Heleny teria sido torturada durante três dias, inclusive com choques elétricos na vagina. Paulo de Tarso foi torturado durante 48 horas pelos carcereiros conhecidos por Inês como Dr. Roberto, Laecato, Dr. Guilherme, Dr. Teixeira, Zé Gomes e Camarão. Ele foi colocado no pau de arara, quando lhe deram choques elétricos e o obrigaram a ingerir grande quantidade de sal. Durante muitas horas Inês o ouviu suplicar por um pouco de água.

Em dezembro de 1971, como resposta a solicitação da Seccional de Brasília da OAB, o Ministério do Exército informou que Paulo de Tarso fora preso por autoridades

militares, mas seria entregue a Polícia Federal, devendo o Ministério da Justiça prestar informações.

A OAB encaminhou então ofício ao presidente da República, assinado por seu presidente, o advogado Moacir Belchior, em 28 de janeiro de 1972, no qual afirmava ter razões para preocupar-se com o silêncio do Ministério da Justiça a respeito do destino do advogado Paulo de Tarso Celestino da Silva e estar temerosa por sua integridade física, já que são decorridos mais de seis meses do seu desaparecimento.

No Ministério do Exército, através do seu chefe de gabinete, obteve informação de que Paulo de Tarso Celestino da Silva fora preso por autoridades militares, mas que havia sido entregue a Polícia Federal, e que somente no Ministério da Justiça poderia se colher esclarecimentos nesse sentido.

Tempos depois o Ministério do Exército desmentiu o fato alegando o erro. Seu pai, Pedro Celestino era advogado e fora deputado federal pelo PSD por Goiás, de 1963 a 1967, e pelo MDB de 1967 a 1969, ano em que foi cassado em 14 de março.

Pedro Celestino enviou uma carta ao general Golbery do Couto e Silva, então chefe da Casa Civil da Presidência da República, em 12 de julho de 1974.

“Como cidadão e chefe de família é que dirijo-me a Vossa Excelência, rogando fazer chegar ao presidente da República o meu apelo extremo, depois de ver frustrados todos os recursos judiciais e extrajudiciais permitidos pela ordem jurídica vigente no país para encontrar meu filho.

Não venho pedir-lhe que o solte, mas o mínimo que se deve garantir à pessoa humana, isto é, seja processado oficialmente, com o direito de sua família dar-lhe assistência jurídica e principalmente humana”.

Não obteve resposta. Em 20 de fevereiro de 1975, o ministro da Justiça Armando Falcão fez esclarecimento público sobre 22 desaparecidos políticos, entre os quais constavam o nome de Paulo de Tarso, alegando que todos estavam foragidos.

Em resposta, seu pai redigiu uma carta aberta a Armando Falcão, publicada no “Jornal do Brasil” em 21 de fevereiro de 1975 e em outros jornais do país, na qual

apontava contradição entre as respostas do ministro da Justiça e a do Ministério do Exército.

Apesar do silêncio e das negativas das autoridades, as provas sobre a prisão e o desaparecimento dos dois militantes foram, aos poucos, sendo coletadas. Em 8 de abril de 1987 a revista “Isto É” publicou na reportagem ‘Longe do ponto final’, declarações do ex-médico Amílcar Lobo, então lotado no DOI-CODI Rio de Janeiro, na qual reconheceu ter atendido Paulo de Tarso, quando ele esteve preso nas dependências do DOI-CODI Rio de Janeiro. Sem, no entanto, precisar a data.

Segundo entrevista do sargento Marival Chaves Dias do Canto, então membro do DOI-CODI São Paulo, à revista “Veja” em 18 de novembro de 1982, eles matavam e esquartejavam.

“Agentes que estiveram em uma casa mantida pelo Centro de Informações do Exército em Petrópolis, Rio de Janeiro, me contaram que os cadáveres eram esquartejados às vezes até em 14 pedaços como se faz com um boi em um matadouro. Era um negócio terrível, eles faziam isso para dificultar a descoberta e a identificação do morto. Cada membro decepado era colocado em um saco e enterrado em um local diferente. A Casa de Petrópolis foi onde o Centro de Informações do Exército mais matou presos e ocultou cadáveres. Os militantes detidos em diversas regiões do país eram enviados dos estados diretamente para Petrópolis”.

Conforme o ex-médico e colaborador da repressão Amilcar Lobo em seu livro “A hora do lobo, a hora do carneiro”, os mortos eram enterrados nas cercanias atrás da casa. Os nomes de Heleny Telles Ferreira Guariba e Paulo de Tarso Celestino da Silva consta da lista de desaparecidos políticos do anexo um da Lei 9140/95.

Na Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos, os requerimentos foram protocolados com número 293/93, de Heleny, e 151/96 de Paulo de Tarso.

Em homenagem aos dois, a cidade do Rio de Janeiro deu seus nomes às ruas.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Bom, concluído o depoimento vou pedir para suspender a tela, por favor, para a gente constituir a Mesa.

Chico Guariba, filho da Heleny. Candinha Guariba, neta. Ulysses, companheiro da Heleny, Elza Lobo, a vida continua.

Senta aqui, Ulysses. O Chico senta aqui. Elza, Dulce Muniz. Está formada.

Então, vamos começar, está composta a Mesa. Candinha Guariba, Chico, filho de Heleny, Ulysses ex-companheiro, Elza Lobo, amiga, e Dulce, sua amiga, discípula. E a outra netinha, como é o nome? Olivia Guariba.

Senta lá do lado da Dulce, Olívia.

Então está composta a Mesa.

Não tem nenhum familiar do Paulo? Está bom. Vamos lá, criar coragem e começar.

Ulysses Guariba, bom dia, com a palavra.

O SR. ULYSSES GUARIBA – Bom dia. Deputado, eu nem sei o que deveria depor. Mas eu acho que o relato feito é bem correto, exatamente aquilo que ocorreu.

Desapareceram juntos Paulo de Tarso e Heleny naqueles anos, e a informação que se teve na época foi, alguns anos depois, foi com a Etienne Romeu, que esteve presa lá na casa de Petrópolis, e nós estivemos lá em acho que em 1980, 1977 ou 1978, foi feita uma caravana, o pessoal de São Paulo e o pessoal do Rio de Janeiro, nós subimos a serra e fomos até a casa, onde morava naquela época um, o proprietário era descendente de europeu, não sei bem o que era.

Nós estivemos lá, visitamos a casa, fotografamos, foi publicado amplamente na imprensa. E foi daí que tivemos esse relato mais preciso da morte dela, que foi através da Inês Etienne Romeu.

O que que eu posso dizer? No...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Deixa eu ajudá-lo um pouco. Vamos começar do início.

O SR. ULYSSES GUARIBA – Do começo, né?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Do início. Vocês se conheceram e se casaram em 1962, não é? Se eu não me engano, você é o filho do general Guariba.

O SR. ULYSSES GUARIBA – Isso. Exato.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Então, vai, vamos lá. Começa.

O SR. ULYSSES GUARIBA – Bom, nós estudamos no Caetano de Campos, onde nos conhecemos em 1956, e não em 1962 na USP como foi relatado. Namoramos muitos anos e nos casamos logo que entramos na faculdade. E fomos estudar Filosofia.

Meu pai nessa época era, foi eleito, tinha passado para a Reserva e foi eleito vereador de São Paulo. Meu pai é o único vereador cassado da Câmara Municipal de São Paulo. Ele foi cassado em 1969, no segundo mandato dele. Naquele período, depois do AI-5, portanto, nunca foi um militar. Sempre foi do grupo chamado Nacionalista, ele, o Zerbini e diversos outros que faziam, que se opuseram ao golpe de 1964 e mais ainda depois ao golpe de 1968.

Me lembro que em 1964 o dia 1º de abril foi feita uma sessão, na Câmara Municipal de São Paulo, onde deveriam os vereadores prestar homenagem ao golpe. Meu pai, que era 1º secretário da Câmara Municipal, fez um discurso contra o golpe. No

final do discurso dele, não tinha um, eu estava lá e não ficou um vereador no Plenário, todos fugiram. Quer dizer que a oposição vinha de longe.

Ele não foi cassado logo de início, porque era amigo do Castelo Branco, com quem tinha servido há muitos anos em Minas Gerais, em vários lugares, era um pouco mais velho que ele. Toda vez que levava ao Castelo a cassação dele, ele impedia de ir para frente. Depois com a queda do Costa e Silva, ele acabou sendo cassado.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Deixa eu interrompê-lo. Está dando um eco. O microfone está vibrando. Não sei se é lá na casinha, está dando... parece que tem alguém falando ao mesmo tempo. Fica ruim para chuchu.

Senão, tira toda a concentração, tudo bem? Pode voltar, volta nisso que você estava falando, que era importante, por favor.

Teve o discurso na Câmara e era para fazer uma saudação ao golpe, ele vai para a tribuna...

O SR. ULYSSES GUARIBA – E fala contra o golpe. Não sobrou um vereador na Câmara Municipal.

Depois, muitos dos vereadores que começaram a ser cassados em 1964, estiveram escondidos na minha casa, morava na Vila Mariana. Vários deles estiveram, passaram muito tempo em casa morando lá, fugindo da repressão de 1964.

Depois ele foi reeleito...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Aí você estava falando da convivência com o Castelo Branco, ele tinha servido com o Castelo Branco.

O SR. ULYSSES GUARIBA – É, ele tinha servido muito tempo com o Castelo Branco, e todas as vezes que tentavam cassá-lo, o Castelo impedia.

Depois com a queda, a morte do Castelo e subiu o Costa e Silva, aí veio o ministro da, o nosso emérito paulista e canalha, que assumiu o Ministério da Justiça, esse grupo todo que acabou provocando as cassações depois do AI-5.

Então, meu pai sempre foi de oposição, mas nunca foi militante de esquerda, ele era um, da linha nacionalista, achava que o golpe era uma violação das liberdades democráticas, era contra a constituição. Tinha toda uma posição progressista, nacionalista e liberal.

E ele durante, depois de certa forma ficou afastado. Nessa época, eu tinha conhecido a Heleny no secundário, 1956, namoramos durante todo o período.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O Caetano era na Praça da República.

O SR. ULYSSES GUARIBA – Era na Praça da República.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Vocês moravam onde?

O SR. ULYSSES GUARIBA – Ela morava em Moema e eu morava na Vila Mariana. Quando entramos na faculdade nos casamos, em 1962. Nós não nos conhecemos na faculdade. Nós nos conhecíamos já há vários anos. E daí trabalhávamos e dávamos aula em cursinho.

Em 1964, terminando a faculdade eu fui fazer seminários no curso de Filosofia para ser contratado na área de Filosofia. Mas Filosofia naquele tempo não estava contratando, porque o João Cruz Costa não era figura bem-quista do governador, e a

relação naqueles anos entre a universidade e o poder do Estado eram relações muito pessoais, não era. Hoje é mais institucionalizada, as relações são mais formais e mais definidas pela instituição. Naquele tempo não. Havia uma espécie de promiscuidade muito grande entre o Poder Executivo e a universidade, e o João Cruz Costa não era bem-visto e não saía contrato de ninguém para Filosofia.

E eu acabei recebendo uma bolsa, naquele ano três professores, que era uma exceção na época, foram mandados para a França, três indicados para Filosofia. Um indicado pelo Michel Le Blanc, que era um professor francês que tinha aqui, fui eu, o Le Blanc indicou o Quartim de Moraes e o outro foi o Salinas, que foi indicado pelo Porchat, que acabou sendo preso e faleceu, o Quartim também acabou envolvido com VPR e nós três fomos para a França naquele ano. E a Heleny foi junto.

E ela foi lá, ela já era professora da Escola de Arte Dramática do Alfredo Mesquita, que era uma escola particular, mas que formou praticamente, acho que toda, várias gerações de atores que nós temos aí...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Onde funcionava a escola?

O SR. ULYSSES GUARIBA – Funcionava no subsolo ali da Tiradentes, na Pinacoteca, era na parte de baixo.

Ela funcionava sempre a partir das 18h, tinha a famosa sopa que era servida para os alunos, e vinham estudantes, sopa do Dr. Alfredo que era por sinal muito boa, e os professores também eram quase que voluntários. E era uma escola muito boa, formou várias gerações. Praticamente todo mundo que se conhece na televisão e no teatro, passou pela escola. Os mais famosos, o Cuoco, o Juca de Oliveira.

A SRA. – Aracy Balabanian.

O SR. ULYSSES GUARIBA - O Ney Latorraca na época foi aluno da Heleny, e vários outros. Era toda uma geração de jovens. Ela começou a se especializar em dramaturgia, especialmente...

Teve um rapaz que eu dei um depoimento, ele escreveu um livro sobre a Heleny, uma tese, e o primeiro capítulo dele foi...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você escreveu um livro?

O SR. ULYSSES GUARIBA – Não, não fui eu. Foi um rapaz que defendeu essa tese em Santo André.

E esse primeiro capítulo é onde tem essa discussão toda sobre o Brecht, o teatro pós-brechtiano, como era visto na Itália, na Alemanha, na Inglaterra, quer dizer, a Heleny praticamente trabalhou sobre isso durante o período todo que nós estivemos na Europa. Foi citado lá o Planchon, com vários teatros.

E preocupada com uma questão que era fundamental na época, que era como fazer, como organizar um centro cultural, e como deveria funcionar esse centro cultural e como fazer um teatro que era um teatro popular, que significava enfim, fazer teatro popular na época. E queria evidentemente fazer um trabalho, escrever tese sobre esse tema.

Voltamos para cá, eu voltei, fomos morar ali em Moema, em Moema não, no Brooklin, na Rua das Acácias, e eu fui dar aula na USP, que eu era contratado da universidade e ela foi dar aula na EAD de novo, na Escola de Arte Dramática, e eu fui também, acumulei aulas na atual Unesp, na atual Unesp, que naquela época era Faculdade de Filosofia de Assis, e estava montando um curso de Filosofia lá no interior, Assis, onde eu moro hoje.

E eu fui para lá, em 1968, para ajudar a montar, com outros amigos, o curso de Filosofia. Esse curso hoje está em Marília. Na Unesp, em 1976 ele foi transferido de Assis para Marília e é um curso importante na estrutura da Unesp.

Como se deu a questão do envolvimento? A gente era típico herdeiro do ensino público.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Vocês se separaram? Você foi para Assis?

O SR. ULYSSES GUARIBA – Eu fiquei viajando.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Vocês se separaram quando?

O SR. ULYSSES GUARIBA – Nós nos separamos no fim de 1969.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Ah, em 1969. Ela já estava no Teatro de Arena?

O SR. ULYSSES GUARIBA – É. Durante o período de 1968 nós tínhamos um, a Maria Antonia era uma comunidade, onde todo mundo se relacionava muito intimamente, nós tínhamos muitos amigos, e uma dessas amigas era Iara Iavelberg, amigo dela, do irmão dela que dirigia o curso aqui.

E a Iara que nos pediu em um determinado momento de 1968, para hospedar o Lamarca em casa.

E ele esteve uma primeira vez hospedado lá nas Acácias, onde ficamos amigos, foi cerca de um mês em 1968. E depois voltou novamente no final de 1968. Essa primeira vez foi logo depois que ele saiu do 4º RI, depois daquele episódio trágico de Itapeverica, eles seriam presos, evidentemente. Ele fugiu e passou para a clandestinidade. E não tinha, ele reclamava muito que não tinha aonde ir e tal, e acabou ficando quatro meses em casa, voltou, depois hospedou-se mais um mês e meio.

E o contato dele era a Iara. Era a Iara e um outro rapaz chamado Espinosa, parece que hoje está em Santo André. Eu tenho até o e-mail dele, mas não voltei a falar. O Espinosa ia sempre porque ele era o contato entre o comando lá. E depois esteve em casa, hospedado também, um outro dirigente, que era de Santo André, que era o Valdir.

Então, esse envolvimento era no fundo um sistema de apoio, a gente dava um apoio estratégico ao grupo.

E depois ficou um pouco mais orgânico quando o Krugman também, um outro companheiro da Filosofia, nós nos reuníamos para passar avaliações da conjuntura. Não se esqueçam que nessa época, apesar de um brutal fechamento político, você tinha uma grande expansão da economia.

Era o período do milagre econômico, e a gente passava sempre dizendo que passar de um grupo de ação de um movimento popular e de massa que pudesse ter algum efeito, passa por uma, um discurso revolucionário se encarnar no trabalhador e na sociedade. E está muito difícil, tudo apontava para que houvesse um isolamento dos grupos e o Estado estava se organizando.

Primeiro OBAN, depois DOI-CODI quer dizer, era muito improvisado também, a repressão era uma coisa de louco. Não é? Ela foi se estruturando no decorrer dos anos 1970 e 1971. A repressão do Estado também era precária. Os movimentos também tinham sua fragilidade. Eu me lembro que nesses anos, teve aqui, nós fizemos um seminário e veio um grande professor, especialista na Revolução Francesa, chamava Albert Soboul.

Albert Soboul era um “orphelin” da Primeira Guerra Mundial e foi criado pelo Estado. E virou professor titular de História. Ele era colega nosso, nós fizemos um seminário com ele na USP e depois fomos jantar, e relatamos a ele o que estava

ocorrendo, do ponto de vista dos grupos, se organizando contra o Estado, pela luta armada e etc. e ele me perguntou: “Me diz uma coisa, quantos militantes que vocês têm? ”, eu disse: “Olha, a variação que nós temos hoje acredito que são de uns 200 e pouco”. E ele disse, “Vocês são absolutamente todos loucos no Brasil. Isso não existe em processo político”.

Quer dizer, como é que 280 pessoas vão querer derrubar um Estado e implantar um novo regime ou alterar as formas?

Quer dizer, no fundo havia muita improvisação, mas também havia a certeza de que a revolta era contra o fechamento político do regime. Não dava para engolir os militares mandando, o atropelamento da ordem constitucional, da ordem legal. O AI-5 então foi o, foi a, quando transbordou.

E aí as coisas acabaram sendo, dava, portanto uma espécie, os grupos que se reuniam davam uma espécie de assistência, assessoria, se pudesse chamar, um apoio nesse período. Depois, no final de 1969 e isso foi durante todo o ano de 1968 e 1969.

Primeira vez que me chamaram lá, que foi uma coisa muito suspeita, não existia ainda Bandeirantes. Era o Rec-Mec. Um dia chegaram uns delegados do DOPS, cercaram a casa, minha casa e revistaram tudo. Quer dizer, até hoje não sei como é que chegaram lá, o que é que pode ter havido. Mas houve uma, que a casa era absolutamente isenta. Alguém que esteve lá que entregou, vamos dizer assim.

Eles cercaram e disseram, “Você está intimado e vai depor no Rec-Mec”. Eu vim aqui e depois aqui no Rec-Mec. Um capitão me colocou em um carro, ligou o gravador e ficamos conversando por várias horas.

Eles diziam que eu tinha ligações com os terroristas, eu digo, “Não tenho, não vou participar, não concordo com a coisa, com a forma como está sendo levada. Agora sou contra os ‘milicos’ no poder, todo esse processo que vocês estão conduzindo, autoritário. Isso pode registrar”.

“Ah, mas seu pai foi cassado e você deve estar revoltado por causa disso”.

“Não tem nada de revoltado, isso é uma convicção política, não é por causa do meu pai”.

Essa foi à primeira vez, daí me liberaram. É claro que a causa passou a ser mais segura, o pessoal como o Lamarca, o comando...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Quando foi essa prisão?

O SR. ULYSSES GUARIBA – Essa prisão foi 1969, meados de 1969, talvez agosto.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Só você, a Heleny não?

O SR. ULYSSES GUARIBA – Só eu. Não foi bem uma prisão, foi uma revista geral e uma intimação do delegado, para ir lá depor. Fui depor, tomaram o depoimento, e a coisa se encerrou e também encerramos. A casa passa a ser impossível de ser utilizada para qualquer outra finalidade.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – E o Lamarca já tinha estado lá duas vezes?

O SR. ULYSSES GUARIBA – Duas vezes.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Quando você foi depor, o Lamarca já tinha estado?

O SR. ULYSSES GUARIBA – Já tinha estado. Já tinha estado ele, o Espinosa, o Valdir, todos do comando do VPR.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – E a Iara era...

O SR. ULYSSES GUARIBA – A Iara era nosso...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Ainda estava legal? A Iara não estava clandestina?

O SR. ULYSSES GUARIBA – A Iara já estava na clandestinidade.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Ah, já estava na clandestinidade.

O SR. ULYSSES GUARIBA – Já. Ela já estava há bastante tempo na clandestinidade. E tinha...

Bom, isso é o que aconteceu.

Nesse final de ano nos resolvemos nos separar, porque a Heleny tinha conhecido outras pessoas. Estava...não dava mais certo o relacionamento. Daí saímos de lá, ela mudou para Perdizes e eu mudei para Maria Antônia.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Vocês tinham dois filhos?

O SR. ULYSSES GUARIBA – Nós tínhamos dois filhos. Nessa época o Francisco devia ter uns 7 anos e o João era menorzinho, tinha uns 4 anos. Mudamos para lá, era uma casa legal ali em Perdizes, ela ficaria com eles. E eu fiquei na Maria Antônia.

Um dia, quando foi no fim de 1969, ela passou em casa e falou, “O José Olavo foi preso”. E eu digo, “Como? Foi preso por quê? ”. “Ah, porque prenderam ele. Peça ao seu pai para ajudar para ver se ele pode fazer alguma coisa”. E eu disse, “Vamos tentar”.

Falei com o meu pai. Ele foi na OBAN, evidentemente era atendido pelo coronel comandante, mas não dava nenhuma informação. “Não, não tenho” e tal. E eu fui atrás de um velho amigo meu, velho amigo de infância, que era, depois ficou conhecido, famoso, que era o capitão Maurício. O Maurício tinha sido, a família dele era amiga da minha família, nós tínhamos crescido juntos. Ele era mais velho que eu, muitos anos que eu não vejo, naquela época nós passamos os anos 1950 e os anos 1960...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Maurício tinha feito Geografia, não fez?

O SR. ULYSSES GUARIBA – Ele fez... não, ele fez, ele fez Escola Preparatória de Cadetes, na época que começou a namorar minha irmã.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – E Maurício era o nome dele mesmo, capitão Mauricio?

O SR. ULYSSES GUARIBA – Maurício Lopes Lima.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Isso, Lopes Lima.

O SR. ULYSSES GUARIBA – Ele fez a Escola Preparatória de Cadetes aqui, depois fez a Aman, e como ele ficou um ano fora, porque ele andou dando uns trotes em calouros e ficou um ano fora da Escola Preparatória, ele ficou atrasado. Quando ele saiu da Aman, ele foi para o Batalhão Suez. O Batalhão Suez lá em Suez, na guerra.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – (inaudível 46:08)

O SR. ULYSSES GUARIBA – Depois foi guerra, ele fez guerra de selva, era um rapaz bem preparado.

Agora, ele foi namorado da minha irmã e nós fomos a todos os bailes nessa cidade juntos, sei lá, desde 1956 até 1966, uns 10 anos de convivência próxima. Fui procurá-lo e ele já estava na OBAN, fiquei sabendo que ele estava na Operação Bandeirante, mas ele era, ele tinha, morava em uma vila aqui na Tutóia, tinha uma segurança especial, conversei com ele e ele disse. “Está preso mesmo, mas não tenho informação, não tem condições”.

Foi só o que foi feito. Esse grupo do José Olavo, foi a época que também foi presa a Dilma, acho até que pelo mesmo, se reuniam. A Dilma estava aqui em São Paulo e fazia parte do mesmo grupo do José Olavo, Heleny.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Era a VAR-Palmares?

O SR. ULYSSES GUARIBA – Era, era da época que era a VAR. Não, já era VPR.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Era VPR?

O SR. ULYSSES GUARIBA – Era VPR. A VAR-Palmares já tinha juntado com o pessoal da Colina e tal. Tinha feito aquele congresso lá na Serra da Mantiqueira. Serra da Mantiqueira não, foi lá em Petrópolis, e foi um congresso muito louco.

O Lamarca contou do congresso e ele dizia, “Meu deus do céu, é um desastre, do jeito que nós estamos organizados, não vamos em lugar nenhum longe”. Sabia muito claramente disso. O Lamarca tinha plena consciência de que estava pisando...era uma grande aventura que não tinha muita chance de ter sucesso. Tinha muita consciência disso. Nós conversamos várias vezes, várias noites, a gente conversava. Então, já era a fusão da VPR com as outras para virar um organismo só. Mas era pouquíssima gente.

Nesse, nessa, voltando a, nesse período, então fui procurar, atrás do José Olavo para ver onde ele tinha sido preso. Então, foi na mesma época, onde que a Dilma foi presa, a Heleny foi presa e um dia chega, foi à primeira prisão dela. Ela não foi presa em Campos do Jordão, em Poços de Caldas não, ela foi presa em Serra Negra, ela estava na casa da, em uma casa de veraneio lá da família do José Olavo, e ela foi presa lá.

O José Olavo estava, eles prenderam, torturaram ele, ameaçaram a família, o pai ficou apavorado, a mãe mais apavorada ainda, porque não tinha nenhuma outra formação política.

E um dia chegou o pai do José Olavo em casa, eu já tinha mudado, eu já tinha mudado para Maria Antônia, avisando, dizendo que a Heleny tinha sido presa em Serra Negra.

Aí fomos atrás, fomos atrás na Operação Bandeirante. Meu pai ficou lá, tal, tal, tal, quer dizer, a bronca, mas um certo respeito, mas também, meu pai já estava na Reserva, e mas não havia acesso. Foi falar com o comandante do 2º Exército, que também não era, não era fã do meu pai.

Então, a procura foi mais ou menos inútil. Até que conseguimos contato com o delegado-chefe do DOPS que era o nosso senador aqui, o Tuma. O Tuma diz, “Bom, eu vou eu vou, ela parece que vem para cá”.

O que aconteceu? Ela estava no DOPS, ela estava na Operação Bandeirante, foi torturada por esse Homero e Albernaz, o Albernaz no fundo era um facínora. Esse Homero não, acabou tendo uma crise psicológica. Era loiro, alto.

A SRA. – Era o Albernaz e o Maurício.

O SR. ULYSSES GUARIBA – E o Albernaz que era o sádico do time. Ela foi torturada, estava com as mãos todas roxas e parece que teve uma hemorragia, na época de menstruação, etc. Eles ficaram assustados e levaram ela para o Hospital Militar.

Ela ficou lá dois dias. Daí, ficamos sabendo, fomos lá no Hospital Militar, meu pai conseguiu falar com ela e eu não consegui, e ela foi mandada para o DOPS. E o Tuma nos autorizou um dia, à noite, ir lá conversar com ela. Ela saiu e tal, disse o que tinha acontecido, contou todas as coisas, e, de lá, ela foi mandada para o Presídio Tiradentes.

Ela ficou praticamente de 1970 até 1971, até abril de 1971, ela ficou no Presídio Tiradentes. Durante o período do Presídio Tiradentes houve um profundo envolvimento dela com os presos, com a organização, etc., como eu fiz no depoimento, e isso de fato ocorreu. Houve uma, quer dizer, ficava sabendo todos os dias, mulher foi morta, o marido foi morto, o outro foi, coisa. E houve um envolvimento muito grande dela com o pessoal da VPR.

E o advogado era o José Carlos Dias, tentava várias vezes um “ménage”. “Ménage” era, você, tendo filho menor e etc., então tinha chance. E era sempre negado até que em um, meu pai ia lá e conversar com os membros, quem voltava, era sempre três, e numa dessas convocações, porque eles eram convocados, numa dessas convocações, tinham duas pessoas que meu pai tinha acesso, tinha sido, tinha trabalhado dentro do Exército e etc., e eles votaram dois a um e ela saiu para, com o “ménage”, em abril para ir.

Voltou, ficou um pouco na casa da mãe...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você estava indo em São Paulo, Assis, São Paulo, São Paulo, Assis. E as crianças ficaram com quem?

O SR. ULYSSES GUARIBA – Ficaram comigo. Eu mudei para a casa do meu pai, que era uma casa grande, fiquei morando no anexo e o Francisco e o João ficaram comigo durante esse período.

Em 1971, eu mudei para Assis, mas nessa fase que ela esteve presa, aí houve o envolvimento. Ela saindo, ela voltou a militar. Daí não havia jeito de convencê-la. “Eu tenho que passar as informações, tenho que mobilizar, não há mais chance de continuar o tipo de coisa”. E ficou na casa da tia, da mãe. Não queria ficar lá de jeito nenhum.

Ficou na casa de um amigo, e depois de uma outra amiga, e um dia esse amigo diz, “Olha, ela saiu de casa”. E de repente encontro ela no ponto de ônibus com uma peruca loira, mas como, não disfarça de ninguém. E não havia jeito. Tentei várias vezes conversar com ela e a ideia era de que ela saísse do Brasil. Estava exatamente vendo como é que ela poderia sair.

Em julho, eu recebi um telefonema de que ela, “Procurem a Heleny, que ela foi presa”. Recebi um telefonema à noite, em casa. “Procura ela que ela foi presa”. Repetiram o telefonema no dia seguinte e mais nada.

Nós fomos atrás. E aí ficamos sabendo alguns meses depois que uma amiga nossa que tinha sido colega do ginásio diz, “Olha, eu encontrei a Heleny 18h no hotel Glória, no Rio de Janeiro, eu estava saindo para pegar o avião e ela estava chegando no Rio de Janeiro, nós cruzamos na porta. Conversamos, ela disse que tinha ido lá ver alguma coisa de teatro, e que estava chegando. Mas eu a encontrei lá no Rio de Janeiro”. Eu acho que esse encontro foi, isso deve ter sido no mês, fim do mês de julho.

Então, de fato, ela foi para o Rio de Janeiro e lá foi presa. E desapareceu nessa circunstância. A partir daí não se teve notícia, se foi a todos lugar possível. Não se tinha notícia, e dizia, a mesma resposta que davam é que ela tinha saído para o exterior e etc.

E até hoje não tivemos nenhuma notícia, a não ser depois a Etienne Romeu, que foi a única...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – E aí você nem procurou o Maurício, o capitão Maurício para saber?

O SR. ULYSSES GUARIBA – Procurei, procurei o Maurício. Ah, durante a prisão, quando eu estava, é até bom que se diga isso porque esclarece. Durante a prisão dela no Tiradentes, ela me pedia, às vezes, para eu levar algumas mensagens para amigos nossos. E digo, “Eu levo com a seguinte condição, eu leio o que eu vou levar”. E aí me davam um pacotinho, como é que chama, enrolado em durex, enfiava na boca e saía lá do Presídio Tiradentes com a notícia, abria, eu digo, “Eu abro, se eu não puder abrir, não me deem”.

“Então pode”. Faziam uma consulta lá e uma das vezes era para avisar uma amiga nossa que aqueles dois arquitetos, o Sérgio Ferro e o, que foi preso também, torturado, o Rodrigo Lefèvre, “Avisar os dois que eles vão ser presos e tal. Entregaram eles na tortura e eles têm que sumir”. Parece que o Sérgio saiu e o Rodrigo foi preso.

Outra vez foi para avisar o Salinas. “Salinas, você vai ser preso de novo”. Fui lá. “Salinas, você vai ser preso de novo”. E ele disse, “Outra vez? Mas eu não estou militando”.

Até, bom, o que aconteceu? No caso do Maurício, numa dessas entregas dessas entregas que eu fiz avisando uma pessoa, que era muito amiga nossa, que eu não vou falar o nome, entreguei a ela, “Avisa o Rodrigo, avisa o Sérgio Ferro que vão ser presos. É a notícia que eu recebi”.

Essa pessoa, Rodrigo acabou preso e falou no nome dela. E ela foi detida no DOPS, disse que eu que tinha levado a mensagem para ela. E eu fui preso. Sorte que fui preso, e quem estava na, um que estava na captura era o Maurício. E ele chegou lá e disseram, “Olha, ele está sendo preso porque levava notícias de coisas e tal”. E teve uma encrenca grossa lá do Maurício que disse, avisou o delegado lá que não era para me torturar. “Esse você não tortura porque não quero que ponha a mão nele”.

E aí tiveram lá um desentendimento que eu soube, o Maurício enfiou um 45 no peito do delegado para ele abrandar. Tanto é quando eu fui ouvido, fui preso, eu fiquei um dia, fiquei à tarde, à noite, na mesma época em que o Boal foi preso, foi dia, eu fiquei com ele lá no DOPS e tinha mais sete na cela. E foi um dia, foi até, tem até a curiosidade. Tinha um rapaz que era um assaltante de banco, não era terrorista nem nada. Assaltante de banco, normal. E ele tinha habilidade de abrir os cofres dos bancos do interior, e tinha sido preso pelo Fleury.

Eu cheguei na cela e falei, “Ó, o Fleury acaba de ser destituído”, e ele ouviu e disse, “Como destituído?”.

“Não, não está mais aqui, ele não vai ficar mais aqui”. E ele fez uma grande festa, me abraçou, me jogou para cima e etc. Ele ia ser interrogado no dia seguinte pelo Fleury. Tamanho pavor que provocava não só nos militantes, mas também nos presos comuns a figura maléfica do Fleury.

Daí eu fiquei preso, depois durante uma noite, dizendo que não tinha levado, tinha levado um presente da presa para essa pessoa, e no meio dos presentes da presa tinha uma informação, que era um negócio da prisão do Rodrigo, Sérgio Ferro, e de fato ela abriu o pacote e lá dentro tinha um papel dizendo.

O tal do delegado aceitou essa explicação absolutamente idiota e me liberou no fim da tarde. Você vê que as influências, a forma...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você foi na OBAN?

O SR. ULYSSES GUARIBA – Foi na, foi no DOPS. No DOPS ali. Então eu fiquei preso lá quase dois dias.

Mas para ter uma ideia de como as coisas funcionavam também.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O Maurício foi lá no DOPS?

O SR. ULYSSES GUARIBA – O Maurício estava no DOPS. Ele que me impediu de ser torturado e preso. Eu podia ter sido indiciado. A pessoa também que noticiou era muito famosa demais. Então, também isso ajudou a não virar processo, mas esse período foi o período de prisão.

Quando ela sai, ela vai militar e foi questão de um mês. Foi maio e junho e foi para o Rio de Janeiro e desapareceu. Em linhas gerais foi isso.

Aí procuramos em tudo quanto foi canto. Meu pai, era um pouco mais antigo, tinha mania de escrever cartas. Mandava cartas para os amigos dele no Ministério e todos os cantos, e fomos a Brasília, ao Rio de Janeiro, a todos os cantos e não havia notícia dela.

Então, ficamos sabendo depois que ela teria sido torturada e morta. E conversei com o José Carlos Dias várias vezes, “Então, isso não dá base para a gente fazer o processo?”.

“Não, não dá base porque ela diz que ouviu pelo, pelo contexto, ela supõe que tenha sido Heleny”.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – A Inês Etienne não é?

O SR. ULYSSES GUARIBA - A Inês Etienne. Que o José Carlos não achava que era possível abrir um processo apenas com essa prova. Era muito vaga na época.

Então, não sei se expliquei tudo, mas em linhas gerais as coisas aconteciam dessa forma. Agora, que a tortura na Operação Bandeirante era regra, todo mundo sabe.

Ela fica mais ativa, eles se organizam melhor. A repressão vai se organizando também. Porque primeiro momento era tudo muito improvisado. Depois acaba se estruturando, a partir, a partir de 1971. Daí, passa a ter uma ação menos...

Eu vi uma vez, por exemplo, na casa do, eles tinham um, sabe papel quando você cola aquele papel de embrulho na parede, e vai fazendo os graficozinhos de tudo. E os gráficos vazios.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Organograma.

O SR. ULYSSES GUARIBA – Aqui está fulano, aqui tem um gráfico vazio, aqui tem outro gráfico. Era tudo desenhado dessa maneira.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Isso onde?

O SR. ULYSSES GUARIBA - Isso na OBAN.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Ah, na OBAN.

O SR. ULYSSES GUARIBA - Era um painel, você vê que tinha os nomes, você reconhecia, tinham outros, sabiam que existiam, mas não sabiam quem era. Tinham os nomes de guerra. Eram, eles iam fazendo, aqui estava a VPR, aqui a ALN, ali era VRP, tinham vários gráficos desses com nomes preenchidos e outros não. Quer dizer, era artesanal, era uma repressão artesanal quando começou.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Me mata uma curiosidade. O capitão Lamarca era do Batalhão de Suez.

O SR. ULYSSES GUARIBA – Ele foi.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Ele foi. O Maurício serviu com ele lá?

O SR. ULYSSES GUARIBA – Não sei se serviu com ele não. Nunca perguntei de um para o outro. Ele, o Lamarca era, aquele episódio do Lamarca, de Ita... aquilo tirou ele de foco.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O episódio da pintura do caminhão, do Pedro Lobo, quando ele teve que sair com as armas.

O SR. ULYSSES GUARIBA – É teve que sair com as armas. A ideia, a estratégia todo mundo sabia muito bem na VPR. A ideia era, ele sairia com caminhão, com todo o material, com os morteiros 90. Sairiam com mais de um caminhão, eram vários caminhões, pelo menos três, sairiam com os morteiros 90; pelo menos isso me foi contado na época, antes de acontecer. Sairiam com o morteiro 90, com armamento, avisariam todo mundo e explodiria o painel do 2º Exército.

Sairia com todos os caminhões, iam atirar em cima do Palácio dos Bandeirantes, iam atirar em cima do Ibirapuera, no CPOR, e na Estação da Luz. Quer dizer, era para fazer um foguetório numa noite e tinha os grupos que estavam se organizando para fazer isso, e na saída explodiriam o arsenal do GQ90, porque fica entre o 4ªRI e o GQ90.

A explosão daquilo seria um terremoto em São Paulo. E depois fariam esse tipo de ação. A ideia era fazer uma ação desse tipo e todo mundo desaparecer por ano, um ano e pouco. Desaparecer para, era uma forma de contestar violentamente o Estado e o regime.

Quer dizer, o projeto era esse, só que não deu certo. Então, tiveram que sair, daí saíram com as FALs mesmo, separados dos percussores, do fuzil, um desses FALs, uma mala desses FALs estava escondida com a Heleny lá. Pegaram na casa dela, que estava até na casa de uma amiga nossa, que era a Maria do Carmo Campello, professora lá da USP, ela tinha deixado na casa da Carmute.

Mas isso rodou depois, nunca se juntaram esses fuzis com os percussores, os percussores acabaram sendo apreendidos aqui e ali e mesmo o armamento que saiu foi muito pequeno.

E o Lamarca tinha consciência disso. Ele dizia, “Não tenho estrutura nenhuma. Eu estou andando de casa em casa aqui, sem beira, nem, me prometeram que tinha uma organização forte, articulada, quer dizer, eu estou indo, fui para uma fazenda no interior”, ele esteve lá no interior, na fazenda dos Toledo, depois voltou e aí estavam pensando em fazer uma guerrilha no Vale da Ribeira.

“E vocês estão ficando todos loucos”, falei 500 vezes para o Espinosa, “Espinosa, isso é uma falta de juízo tão grande que não vai levar nem 24 horas para vocês estarem todos presos e fuzilados. É um absurdo. Não dá para fazer uma guerrilha na encosta de Juquiá”.

Quer dizer, não tinha nem ideia do que era o Vale da Ribeira, nem o que era a capacidade de ação. Era muito improvisado tudo. E o Lamarca tinha plena consciência disso. Eu achei que depois de um certo tempo, num primeiro momento ele estava em uma situação bem... A Iara deu uma levantada, porque depois eles começaram e namoravam na minha casa lá.

E na segunda fase que ele teve lá, ele já estava passando por um processo de se acreditar um pouco que era líder. E eu digo, “Lamarca, juízo, que líder de quê? ”

“Não, eu tenho que fazer”. Já estava em uma fase missionária, vamos dizer assim, acreditando em fantasias.

Mas isso para mim ficou bem claro nesse ano de 1968 e 1969, isso tinha, estava ocorrendo, e pensando que escrevia os textos para a Iara, dizendo estava realizando uma missão heroica e tal, que era preciso...

Mas enfim, foi trágico o final dela e dele, no sertão e em Salvador. Não sei se esclareço ou ajudo em alguma coisa.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Muito obrigado.

Você pode ficar mais um pouco conosco? Você pode ficar mais um pouco? Descansa um pouco. Vamos passar a diante. Vamos ouvir então, quem começa? Elza Lobo ou Dulce?

A SRA. DULCE MUNIZ – Eu posso começar? Depois eu tenho que levar minha neta. Eu posso ficar mais um pouco, mas se eu precisar sair.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Então começa a Dulce. Pega esse microfone para você ficar com mais autonomia.

A SRA. DULCE MUNIZ – Está bom.

Eu ouvi falar de Heleny Guariba nos fins de 1968, quando ela dirigiu o George Dandin, com o grupo da cidade de Santo André, de teatro de Santo André, e depois no fim do ano ela ganhou o prêmio de revelação de diretor.

Em 1966, no começo do ano, o Teatro de Arena de São Paulo abriu um curso de interpretação que era coordenado por Heleny Guariba, Cecília Thumim, que agora é também é conhecida como Cecília Thumin Boal, ou só Cecília Boal, que é a viúva do Boal e por um professor de canto, que era lá de Santo André, São Caetano, que era o professor Baldu, Dra. Rose Marie e a bailarina Mercedes Baptista.

E em 1969, eu tinha 21 anos de idade. E nós tínhamos um grupo, já fazia parte de um grupo de teatro, porque eu vim para São Paulo em 1968, e nós fomos nos inscrever neste curso, porque nós tínhamos lido muito sobre George Dandin, havia críticas muito significativas.

E lá no teatro, então eu conheci a Heleny, fui aluna dela e discípula, como disse o Adriano Diogo, porque a Heleny Guariba era uma das pessoas mais inteligentes que eu conheci. Uma das pessoas mais éticas e íntegras, porque ela tinha lá no Teatro de Arena mais ou menos uns 20 jovens e ela nunca falou sobre nenhuma possibilidade de cooptação, que isso era uma coisa muito comum. Havia lugar de jovem, pessoa que pertencia a uma ou outra organização sempre faziam um movimento para que fossem para as suas organizações.

Eu já pertencia ao glorioso PORT, Partido Operário Revolucionário Trotskista, que alguns zombam, dizendo que a gente fazia congresso em uma Kombi, era verdade talvez, um fusquinha.

E a Heleny foi uma professora extraordinária. Ela tinha uma profundidade ao abordar os assuntos. E essa integridade, essa ética da Heleny era uma coisa que saltava, a gente via, ela não era uma pessoa dividida, ela era uma pessoa inteira, ela fazia o que ela pensava, e ela pensava o que ela fazia.

E ela tinha planos de fazer uma grande montagem do “Casamento do Fígaro” do Beaumarchais, com palco giratório, com os atores mais tarimbados, como Myriam Muniz, Juca, fazendo os papéis mais velhos. Flávio Império era o cenógrafo. Música Antiga fazia a música.

Mas a maioria dos que faziam aquele curso já eram comprometidos também. Então havia dois, um que pertencia à Ala Vermelha do PC do B, um outro não sei o que, todo mundo era meio comprometido. E a Heleny, nos fins de 1969, a Heleny começou a faltar nos ensaios e daí, claro, eu me tornei grande amiga de Heleny.

De certa forma, eu era confidente de Heleny. E aí ela começou a faltar nos ensaios. O Boal assumiu a direção do “Casamento do Fígaro”, porque havia um compromisso da Associação Estadual de Teatro que daria uma verba para que o Arena pudesse viajar a Nova Iorque para apresentar o Arena Conta Bolívar e o Arena Conta Zumbi, no La MaMa de Nova Iorque, e nós fizemos então esse espetáculo.

Uma das últimas vezes que eu a vi, nesse ano de 1969, nós fomos fazer uma apresentação em São José dos Campos e ela tinha ficado de ir fazer a palestra, e ela claro não conseguiu chegar na hora. Chegou atrasada, já tinha terminado. Nós todos

chamamos muito a atenção dela. Ficamos muito bravos com ela. “Heleny, você...” Aí eu falei, “Vamos com calma, porque sabemos o que está acontecendo”, embora ela nunca tenha falado.

Depois, nós ficamos sabendo, em que nesse período em que nós fazíamos aula com ela, ela abrigava na casa dela com o Ulysses e os dois meninos, na Rua das Acácias, o homem mais procurado do Brasil, que era o capitão Lamarca. Porque em janeiro de 1969, quando ele sai do quartel, ele se torna o alvo mais procurado naquele momento.

E no começo de 1970, então realmente, ela desaparece da nossa vista, então, nós não sabemos onde Heleny está. Eu fui presa no dia 1º de maio de 1970, no estádio Vila Maria Zélia, e estava no grupo que eu fui presa, o dirigente Olavo Hansen, que depois veio a ser morto pela ditadura.

E quando eu cheguei dia 1º de maio de 1970, eu tinha feito muita coisa, saído muito cedo de casa para fazer panfletagem e aquelas coisas todas que se fazia naquela época, e eu desmaiei no DOPS. Tinha passado pelo QG da Polícia Militar, pelo Batalhão Tobias de Aguiar, pela Operação Bandeirantes, levada para o DOPS.

No DOPS, a gente chegou por volta das 16h e eu acho que tive um desmaio. Buscaram o Dr. Waldemar Tebaldi, que era preso àquela época, depois ele foi prefeito de Americana, e ele me disse que eu tinha tido uma baixa violenta de pressão.

Então, eu fui levada primeiro para a carceragem. Estava amanhecendo, aquele lusco fusco, aquela coisa. Tinham muitas mulheres, acho que éramos mais ou menos 14 mulheres naquela cela. De repente pela janelinha eu vi que passou a Carmute, e a Carmute olhou para dentro da cela e saiu correndo. E eu falei, “Ué, por que a Carmute, o que que foi?”

Daí um segundo, quem está a carinha na portinhola? A Heleny. Chorando e dizendo para mim, eu corri para a portinhola claro para falar com ela, e ela disse, “Puxa, quando falaram que tinha um grupo de não sei quê e ex-bancários presos, eu pensei em você e no Hélio”, que era o meu ex-marido.

E aí, eu tive um transtorno hormonal, eu fiquei menstruada com, sei lá, 20 dias de adiantamento. E eu falo isso porque acho que são peculiaridades. Ela me deu uma calcinha azul com uma rendinha, e ela falava, falou para mim, “Para você guardar”.

E como eu tinha passado mal, os companheiros da cela e mesmo os outros, eles me orientavam que eu devia passar mal todos os dias, para eu poder sair, e falar e dar recados e fazer uma coisa, que era chamada a época, quem foi preso sabe, que era o pombo- correio. E todos os dias, eu tinha condições de conversar um pouco com a Heleny. Como o Olavo Hansen tinha que ser tirado do DOPS, porque ele estava morrendo, nós também fomos libertados aos 15 dias de prisão. E ficamos assinando aquilo que o Ulysses falou aqui, aquela tal de ménage. E o Olavo foi realmente encontrado morto.

Em abril, fim de março a Heleny é libertada. Ah, durante esse período, meu irmão também estava preso no Presídio Tiradentes, então eu ia, segunda-feira levar roupa, terça-feira buscar roupa, quarta-feira era a visita do 1º pavilhão, quinta-feira ia levar material para fazer artesanato, sexta-feira alguma outra coisa e sábado, visitava.

E nesse sábado que eu visitava, eu conversava pelo portão que dividia a parte feminina da masculina com a Heleny, ela vinha. E eu voltava para casa com o pai e a mãe do José Olavo, o Sr. José e a Dona Anita. E a Heleny vinha e ela fazia a mesma coisa que ela fazia com o Ulysses, ela pedia que eu levasse coisas.

E eu levava. Só que ao contrário do Ulysses, eu não queria abrir nada. Eu queria me ver livre daquele negócio logo. Falava onde eu tinha que levar, quem ia buscar, e pronto, já ia.

Então, o meu contato, meu amor, meu afeto e minha admiração por ela foram aumentando.

Quando foi então no fim de março de 1971 e começo de abril, a Heleny foi libertada como relatou o Ulysses. E nós estávamos com a viagem marcada para Nancy, o Festival de Teatro que nós íamos participar com o “Teatro Jornal 1ª Edição” e o “Arena Conta Zumbi”.

Heleny foi libertada e durante todos os dias até a gente embarcar para a Europa, no dia 15 de abril, Heleny foi todos os dias ao teatro. E ela conversava comigo...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – No dia 15 de abril de?

A SR. DULCE MUNIZ – De 1971. No dia em que aparece o Boilesen morto. Quando a gente estava indo para o aeroporto a gente viu o “Jornal da Tarde”, “Terror mata Boilesen”, aquele homem que não só financiava, como também torturava na Operação Bandeirante.

E daí nós fomos para, um pouco antes de viajar eu perguntei para a Heleny, porque como ela tinha sido nossa professora, ela era do Arena, talvez fosse fácil conseguir alguma coisa. Ela disse que não. Que ela não queria ir.

Bom, voltamos. Fizemos o espetáculo em Nancy, depois viajamos a França inteira, nos juntamos com Enrique Boaventura, do Teatro Experimental de Cali e com Santiago García, do La Candelaria, e o Boal também conseguiu a liberdade e ele viajou.

Ele foi nos encontrar em Paris, que a gente estava fazendo apresentação do espetáculo lá. E o Boal ia ficar. Ele ficou mesmo e de lá, voltou para a Argentina, depois voltou para a Europa novamente. Enfim, vocês todos sabem mais ou menos a trajetória que o Boal desenvolveu.

E nós então voltamos para o Brasil. Embora muita gente tenha dito que a gente falasse que a gente não devia voltar, porque a gente fazia um espetáculo muito violento, a gente denunciava demais a tortura. A Dra. Nina, a falecida Dra. Nina, ela me abraçava, porque eu a conhecia daqui, ela falava, “Não volte, Dulce, eles vão enquadrar você na Lei de Segurança Nacional no Artigo Um, Dois, Três, Quatro, sei lá quantos mil” ela falava. E eu falava, “Não Nina, temos que salvar o Teatro de Arena”. Imagina, tinha 23 anos. E voltamos para o Arena. Chegamos ao Brasil de volta, por volta do dia 7 ou 8 de junho, alguma coisa assim.

Também neste período, até o último dia em que a vi, ela foi todos os dias no Teatro de Arena. E ela falava comigo.

E daí eu falo, a Heleny pôs para ela a tarefa de reagrupar, de reconstruir a VPR. Ela me dizia, “Dulce, eu vou à Mooca encontrar um comando, assim, assim assado. Se

eu não voltar até tal hora, por favor, você faça isso, isso e isso”. “Eu vou até não sei onde fazer...” E um dia ela me disse, “Estou muito preocupada. Se a Iara foi presa, eu estou complicada”.

E daí foi à primeira vez, em 1971, que começamos a saber, porque a gente não sabia. Ela nunca tinha falado para a gente as verdadeiras atividades que ela vinha desenvolvendo e o perigo que de fato vocês todos tinham corrido, ao abrigar o Lamarca, a fazer tudo que vocês fizeram naquela casa. E aí ela falou não, “Heleny, você está correndo perigo”. E ela falava, “Não, não. Eu tenho que reconstruir a VPR”.

Um dia ela me convidou para jantar aqui, eu não sei se ainda existe é uma, agora é um teatro, era uma pizzaria chamada “La Pizzanina”. E eu fui jantar e quem estava com ela? Paulo de Tarso Celestino. E ele estava de terno, porque ele era advogado. E eu brinquei muito com ele, e falava, “Cuidado, hein, Paulo. Você de terno aí, você parece outra coisa”. Brincamos muito, conversamos muito, mas claro que nas entrelinhas e nas entreconversas, a gente percebia que alguma coisa ali estava sendo conversada.

E eu vou contar também, desculpem, uma coisa bem pessoal, mas eu tenho que contar. A Heleny engravidou, e ela então quis fazer um aborto. E quem é que fazia os abortos da juventude de esquerda. Das mulheres de esquerda naquela época? Isaac Abramovitch, que tem uma clínica de esquina na Rua João Moura. Está lá até hoje, embora hoje ele tenha morrido.

E fui com Heleny. Fez o que tinha que fazer, ela subiu, e nós pegamos um ônibus, era aquele Aeroporto-Perdizes. Que ainda tem, mas não sei se ele ainda chama Aeroporto-Perdizes, mas Aeroporto ele chama. E o Caetano de Campos ainda era Caetano de Campos. Ainda não tinha fechado tudo aquilo, aquilo não era uma praça. Então, o ônibus passava em frente ao Caetano de Campos. Isso devia ser 8, 9 de julho.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – De 1970?

A SRA. DULCE MUNIZ – De 1971.

Aí nós conversamos um pouco. Ela tinha pedido algumas coisas que eu devia providenciar, enfim para ajudar, para fazer algumas coisas. Eu desci no ponto do Caetano de Campos, porque eu morava essa época, quando a gente voltou no festival de Nancy, a gente passou a morar no Teatro de Arena. E ela continuou no ônibus e pós a cabecinha, aquela cabecinha, aquela cabecinha com aquele cabelinho a “la garçonne”, francesinha que ela era, e ela pós a cabeça e gritou, “Dulce, liga para a tia Irma e fala que eu vou voltar na 2ª quinzena de julho, para levar o Chico e o João para a praia”.

Eu, fiz o que eu tinha que fazer.

Quando foi por volta do dia 13, 15, 18, é entre 12 e 18 de julho, nós estávamos ensaiando no Teatro de Arena o “Doce América, Latino América”, um painel que nós fizemos sobre toda a história de colonização e depois de revolta, e depois da tentativa de construir um mundo diferente da América Latina. Também como o Ulysses, um telefonema que não falou quem era, me chamaram, a Maria era nossa bilheteira, ela me chamou, “Dulce, telefone para você”.

E eu, “Alô”. A pessoa, uma voz masculina. “É Dulce Muniz?”. E eu falei, “Sim, sou eu”. Ele disse, “Estou telefonando para avisar que a Heleny Guariba foi presa no Rio de Janeiro, mas ela está bem”. E eu falei, “Quem está falando?”, a pessoa desligou.

Depois também como o Ulysses, acho que daí uns dois ou três dias, de novo outro telefonema, e aí nunca mais nós vimos a Heleny.

Vinham às versões mais disparatadas, que tinha sido vista na Galeria Alvear em Buenos Aires, que tinha sido encontrada em rua da Argélia, que estava internada em um manicômio, enfim. E nós tínhamos notícia de que o general, que na minha peça eu pus Mariano, mas a gente chamava de general Guariba, ele estava indo procurar a Heleny em todos os departamentos que ele pudesse. E infelizmente, desgraçadamente, ela não foi encontrada pelas razões que ela não podia ser encontrada.

Em 1976, eu conheci pessoalmente Inês Etienne Romeu, que já também relatou Ulysses, que ela deu uma grande entrevista relatando todos os sofrimentos que ela presenciou e pelos quais ela passou, Inês, lá na Casa da Morte.

E Inês também se torna muito minha amiga, por quê? Porque eu tinha sido muito amiga e aluna da Heleny. Inês passa a frequentar minha casa. Ela me fornece muitas das informações para eu escrever as duas peças, uma sobre a Iara e outra sobre a Heleny.

E ela me disse um dia, na época que eu dei a entrevista, eu fiquei meio, estava meio abalada, todo mundo conhece o sofrimento, a via crucis que a Inês Etienne passou na Casa da Morte. E ela me falava, “Eu tenho certeza que era a Heleny. Eu ouvi as vozes, eu sei que era a Heleny”. E ela conta, ela relata a morte do Celestino e da Heleny. E depois que a Heleny desapareceu.

Em 1974, eu tive a minha filha, dei a ela, eu queria só Heleny, mas o pai dela queria também outro nome, então virou Ana Heleny. Eu escrevi em 1993, 1994 a peça “Heleny, Heleny doce colibri”, tenho feito, de todas as formas, um trabalho de colaboração com todas as organizações que buscam os desaparecidos.

E por último, esse é um relato muito pessoal, eu não tenho nenhuma grande revelação para fazer, mas eu tenho tentado, através disso, fazer viva a imagem dela e também na tentativa de poder, um dia, saber pelo menos onde está o corpo, o que foi feito e o que não foi.

Então, escrevi um pequeno artigo para a revista “aParte” do TUSP, que vai sair agora, escrevi um outro para a revista “Traulito”, eu acho que é isso que chama, de uma companhia de teatro chamada Companhia do Latão, e no domingo agora, dia 17, a Heleny se viva estivesse completaria 72 anos.

E nós vamos então transformar o nosso pequeno espaço, que se chama Teatro Studio 184, em Teatro Studio Heleny Guariba. Nós vamos descerrar uma plaquinha que nós fizemos com a carinha dela e o nome do teatro, depois nós vamos apresentar um pequeno texto de um documentário que foi feito pela TVT e vamos também, aqui a Comissão da Verdade está organizando, além desses depoimentos todos, também haverá uma espécie de dramatização de depoimentos feitos por atores, por atrizes, e a Comissão da Verdade com Amelinha, com Adriano, com o Ivan, eles me convidaram para coordenar esse trabalho e graças a muitos esforços nós conseguimos realizar a primeira gravação que foi a do Merlino. O Celso Frateschi é que fez, e ficou muito boa, ficou muito forte.

E domingo a gente vai lançar também esse pequeno projeto. É a primeira leva de 12 atores e atrizes que vão gravar os primeiros depoimentos, e é isso.

Eu sempre entro em contato com o Chico, sempre tentei como João também, eventualmente eu consigo alguma coisa. Em 1995, o Alípio era diretor lá de Diadema, então foi dado o nome da Heleny para uma Casa de Cultura, e nesse dia, nós conseguimos juntar todos que já estavam. A Tita, a mãe, a Irma, o Moacir, com, como chama a mulher dele? A Marli, o Chico foi, a Cândida era pequenininha, o general Guariba foi, o Francisquinho, filho do general foi, e tinha uma menina também que era filha. Eu tentei falar com o Ulysses, não sei se consegui, mas o Ulysses não veio. Mas todo mundo foi.

Foi um dia muito bonito de celebração, da vida íntegra que ela teve, enfim, dedicado à causa do coletivo e por último também em 1996 nós fizemos lá no TUSP, porque o TUSP hoje funciona onde funcionou a FFLCH, lugar onde ela estudou com a Iara, nós fizemos então uma exposição de fotografias, uma amostra de uns curtas-metragens, palestras e ficou lá durante um mês a exposição.

Lemos as três peças, “A rosa vermelha”, sobre a Rosa Luxemburgo e a “Iara camarada e amante”, sobre Iara Iavelberg e a “Heleny, Heleny doce colibri”. A Inês foi, o general Guariba foi, o Chico foi e até me ajudou nessa época.

Enfim, quero dizer isso para vocês, não sou evidentemente a mesma pessoa que eu teria sido, se a Heleny não tivesse sido assassinada. Então, devo a ela o pouco que eu sei, o pouco que eu tento ser íntegra, que eu tento ter ética e ser solidária, eu tenho certeza que uma grande parte, eu devo a minha querida professora e mestra Heleny Guariba. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Professora Elza Lobo.

A SRA. ELZA LOBO – Bom, em 1965, na Universidade Católica, nós criamos o grupo de teatro, TUCA, Teatro dos Universitários da Católica. E nesse momento, a

gente buscando os diferentes textos, a gente assumiu o texto do João Cabral de Melo Neto, “Morte e Vida Severina”.

Quando da apresentação do espetáculo, a gente foi muito aplaudida, foi um sucesso muito grande e fomos convidados para o festival de teatro de Nancy, o mesmo que vocês estiveram depois, nós estivemos antes.

Então fomos para Nancy para representar “Morte e vida Severina” e nesse momento então, da chegada a Paris para ir para Nancy, eu tive oportunidade de conhecer a Heleny, porque vocês estavam, naquela época, em Paris e a Heleny passou a ser a nossa interlocutora com os diferentes espaços em Paris ligados a teatro. E tivemos a oportunidade de ganhar o 1º lugar do Festival Mundial de Teatro Universitário de Nancy e, com isso, fomos convidados para fazer apresentação em Paris.

E em Paris, a Heleny foi a nossa mediadora, a nossa interlocutora que nos ajudou tanto nos contatos tanto com imprensa, como com universidades para que a gente tivesse debates fora das apresentações teatrais.

Ficamos um período longo nesses debates, nessas reuniões, e quando voltamos, porque tivemos oportunidade também, de depois de Paris, sermos convidados para apresentar o espetáculo em Portugal, e em Portugal fizemos as apresentações em Lisboa, no Porto e em Coimbra, e tivemos um sucesso muito grande.

A Heleny, nesse momento em Paris, estava como aluna do Planchon, e estava, que era à época diretor do Teatro Popular Nacional Francês. Então, essa relação também foi muito intensa com o grupo do TUCA de São Paulo.

Isso foi na década de 1960, porque fomos premiados em 1966. E quando do período mais intenso, autoritário, que estávamos em várias pessoas, que tínhamos sido do grupo de Teatro primeiro da Operação Bandeirante, DOI-CODI, fui presa na minha casa pelo capitão Mauricio. E a equipe toda do Albernaz, Homero, que eram as figuras centrais lá da Operação Bandeirante, que eram os torturadores e interrogadores da época.

Toda essa caminhada fez com que a gente se aproximasse cada vez mais internamente, entre as pessoas que estavam detidas. E quando a Heleny estava voltando de Paris, ela faz todo um trabalho na região de Santo André, com grupos de teatro,

fazendo tudo em uma caminhada muito intensa. E nos encontramos, não no Centro, mas sim no Presídio Tiradentes, e convivemos então um período grande, onde outra vez também, para que a gente tivesse uma inserção maior entre as várias pessoas, o teatro foi o nosso eixo central.

E fizemos toda uma representação teatral dentro do presídio na ala feminina, mas dando destaque com a voz bem alta para que a ala masculina pudesse estar acompanhando o que nós estávamos denunciando naquele momento. E conseguimos que as várias celas fossem abertas para que a gente fizesse o trabalho em conjunto.

Então, essa caminhada foi muito intensa, muito forte, e sempre quando se faz o resgate dessa caminhada, a gente tem a presença da Heleny muito forte porque foi ela que comandou toda a organização da representação. E isso trouxe para fora do presídio também, de não só os familiares, mas dos amigos todos de estarem sabendo o que estava acontecendo.

Acho que foi importante toda essa caminhada, e daí eu faço um resgate muito grande a você por estar trazendo essa memória teatral e continuar firme, porque vários dos grupos da nossa época desapareceram. As pessoas ou não continuaram ou tiveram dificuldades, mas assim a persistência sua tem nos dado muita força no sentido de que a gente tem que estar continuando e caminhando.

Acho que assim, desse resgate do que foi a apresentação em Paris, no festival, foi naquele momento, como nós fomos os primeiros foi uma loucura, os jornais todos fizeram publicação, trouxeram à tona o que havia ocorrido. E a gente caminhou cada vez mais no sentido de não estar perdendo o pique em relação a estar denunciando o que ocorre.

Acho que assim, o depoimento que foi feito pela Inês Etienne foi importante quando ela dá o relato todo do que ocorreu e que pouca gente tinha noção de que isso estava acontecendo no país. Acho que...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Desculpe interromper, mas todo mundo vem e fala assim, Casa da Morte de Petrópolis...

Dá uma situadinha, aproveita para situar o que foi essa Casa da Morte, quem que é Inês Etienne, por que que ela tem, eu sei que vai interromper, mas depois, lá na frente você dá uma amarrada nisso para o depoimento ter uma amarração, ficar mais lógico.

Desculpe, professora.

A SRA. ELZA LOBO – Acho que assim, a caminhada toda nossa foi muito forte trazendo não só a questão da, você já falou, do Dandin, a gente já falou também do “Marido Traído”, do Molière, a “Ópera dos Três Vinténs”, o papel todo do Brecht e o papel da Heleny trazendo toda essa caminhada também, não só na história dela como, na área teatral, mas dentro do presídio e na contribuição inclusive das leituras do que se foi conseguindo para que se tivesse debates internos, que fizesse com que as pessoas crescessem e não ficassem só na perspectiva do sofrimento, da tortura do que vinha ocorrendo.

Então, eu acho que esse lado foi muito importante, acho que quando ela foi solta teve o depoimento, esse importante do que foi, da menina do Rio de Janeiro que faz a denúncia. E acho que uma das coisas que foi muito interessante foi todo o relato também mais recente, do próprio frei Betto sobre a Heleny, que ele apontava que “Do jeito alegre, cativante, pequena, arisca e bonita, beleza que a gente percebe que vem de dentro para fora. Enraizada do espírito ágil que lhe conservava no corpo o jeito de menina”.

Então, eu acho que esse trecho do Betto também é muito forte, e acho que a coragem, a fibra, ela sempre miudinha, a nossa menina lembra muito a Heleny, que não se importava de estar sempre batalhando e lutando por mudanças. É uma pessoa que não aceitava o que acontecia, mas sim a luta dela constante era de estar transformando.

Eu acho que o fato da gente ter se conhecido rapidamente na época do festival, depois do Festival de Nancy em Paris, com o Jack Lang como responsável, depois ele passou a ser ministro, depois teve toda uma atuação e nas vezes que ele esteve aqui no

Brasil, ele sempre fez questão de estar reencontrando o grupo do TUCA, de estar relembando todas as questões que foram de batalhas naquele momento.

Acho que assim, você fala do lado da Heleny, eu acho que assim, ela foi uma, além de produtora teatral, ela foi realmente uma grande guerrilheira, integrante da luta armada, ex-estudante da faculdade de Filosofia, foi professora universitária, trabalhou com o Boal, fez parte do grupo de Teatro das Cidades, organizou aquele trabalho maravilhoso em Santo André e, entre 1965 e 1967, que foi o período que a gente a conheceu na França, ela deu aulas de dramaturgia, participou muito intensamente do Teatro de Arena também, e casou-se em 1962 e tiveram os filhos e que hoje eu acho que para eles de um lado é difícil acompanhar toda essa trajetória, mas é importante para que cada vez mais, toda essa história dessa família seja trazida à tona para que a sociedade saiba e reconheça o que foi a batalha desses jovens, que deram a vida em função de transformar a realidade do nosso país.

Obrigada. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – A Dulce já foi?

A SRA. DULCE MUNIZ – Não, estou aqui ainda.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Espera um pouquinho. Deixa eu ver. As meninas vão falar? Candinha vai falar? Vão falar.

Candinha Guariba.

Espera aí, Candinha. Depois Dulce, eu queria que vocês duas falassem um pouquinho, porque, quando, em 1968 lá no Arena, até antes, 1966, 1967, tinha Boal,

tinha Guarnieri, tinha Edu Lobo, tinha Plínio Marcos, tinha toda aquela loucura toda lá. Depois conta como a Heleny transitava em todas essas tribos lá.

Candinha Guariba com a palavra.

A SRTA. CÂNDIDA GUARIBA – Mas não quer falar antes disso?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Não, é bom você falar antes. Elas já falaram tanto. É bom um pouquinho, é bom ver uma outra visão, depois, só para...

A SRTA. CÂNDIDA GUARIBA – (inaudível 1:51:40)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Então, Candinha, porque todo mundo quando a conhece fala assim, “Ô, Candinha”, depois fala assim, “Ela é neta”, aí cai toda uma herança, uma responsabilidade. Então, eu queria saber como você convive com a Candinha, e com a Candinha Guariba.

Entendeu a diferença?

A SRTA. CÂNDIDA GUARIBA – Entendi. Oi. Eu não sei direito o que falar, mas então eu acho que eu vou começar por uma coisa que eu acho que é mais fácil de falar, que eu acho que é de dados, porque um desses dias que me ligaram para dar entrevista, uma moça falou, uma jornalista me ligou, falando que tinha descoberto uma lista nesses novos documentos que tinham sido liberados. E que queria falar para mim antes que saísse no jornal a notícia que ela ia dar, e essa lista seria, segundo o que ela pesquisou, uma lista das datas das mortes de uma série de pessoas.

Eu não sei se isso foi... ah, é você? Não. Não. E aí, ela chegou a essa conclusão porque tinha várias pessoas que eram conhecidas e a data da morte dessas pessoas eram

conhecidas, e batia a data da morte com essas datas significavam as datas das mortes dessas pessoas que eram conhecidas.

E então, o nome da minha avó estaria lá, está nessa lista que ela me mandou, depois eu posso mandar para vocês, e que então ela teria morrido dia... Ela foi presa em julho, eu não me lembro agora se é dia 21 ou dia 22, mas o que quer dizer que ela ficou pouco tempo nessa última prisão. Eu não sei, acho que essa é uma informação importante, talvez em termos documentais.

E a segunda coisa é sobre, não sei, ultimamente com toda essa coisa da Comissão da Verdade, e um pouco de militância também, eu tenho percebido que muda. O impacto de ter a minha avó tem me feito pensar, tem me colocado com uma identidade diferente, tem me feito pensar um pouco nisso. Porque as pessoas sempre perguntam se eu estou fazendo o que eu estou fazendo, nas militâncias que eu estou fazendo, o quão ela influenciou, o quão isso tem a ver. E eu não sei. Eu acho que, eu entendo que a luta que ela fazia era muito do que devia ser feito.

O que o meu avô estava falando não dava, ao mesmo tempo em que podia aparecer uma coisa de muito pouca organização, podia parecer uma insanidade assim entrar nessa. Mas ao mesmo tempo esse o sentimento de que não dava para aceitar, então alguma coisa precisava ser feita, não dava para ficar parado. E eu penso que é mais ou menos a mesma coisa que eu sinto hoje em dia, de todos os absurdos que não dá nem para citar.

E aí, e aí esses dias eu também estava pensando nisso; que meu pai, sei lá, sempre que eu fazia alguma coisa, tipo ir bem na escola, ele falava, meio brincando, mas ele falava, “Você não fez mais que sua obrigação”. E, sei lá, essa é uma frase que sempre ficou, meio que participou da minha vida. E eu estava pensando nela esses dias, conversando com a minha mãe e a gente pensou que isso pudesse ter a ver com essa história, porque para se enfrentar o fato de ter uma mãe que desapareceu e que fica em uma vida dividida entre reorganizar uma organização que precisa ser organizada, porque alguma coisa precisa ser feita, porque não dá para não fazer nada, e um pouco cuidar dos filhos, então acho que talvez tenha sido uma coisa que ele colocou dentro dele.

Tipo, ela precisava fazer isso porque era obrigação dela. Porque era obrigação dela, de todo mundo, mas também dela. Enfim, sabe, meio que uma coisa de, sei lá, uma

coisa que tem a ver com essa frase de não ter feito mais que sua obrigação. Você precisa fazer isso, porque está tudo errado, alguém precisa fazer alguma coisa, alguém é a gente também. Não sei, estava pensando nisso que eu acho que tem a ver. Não sei. Ajuda a superar isso talvez. Não sei. Não sei mais o que falar.

Uma das militâncias que eu participo mais ativamente é a Frente do Esculacho Popular, que surgiu com, um pouco porque a gente conhecia a história dos escrachos em outros países, e aí eu conheci uma moça, que ficou muito minha amiga agora que é a Paula Sacchetta, que não pode vir aqui hoje.

E aí a gente se conheceu, e começou a falar sobre isso e a gente tinha meio na cabeça que isso era algo que precisava ser feito, porque a Comissão da Verdade ainda não tinha saído, estava ainda tramitando, e a gente percebia, conversando com todo mundo, que as pessoas nem sabiam o que era Comissão da Verdade, nem sabia o que era torturador, nem sabia que hoje em dia existe tortura, nada disso, enfim, as pessoas não sabem de nada.

E aí a gente achava que era isso que a gente tinha que fazer. Daí a gente foi conversando com várias pessoas, juntando um monte de gente. Até que teve no Roda Viva, foi convidado o cabo Anselmo para ir ao programa. E ela ficou, não sei, ela ficou muito assustada com o fato de que ele podia ir lá, falar o que ele tinha para falar, e ninguém fazer nada. Ela ficou assustada.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Ela, Paulinha Sacchetta, não é? E?

A SRTA. CÂNDIDA GUARIBE - E aí ela falou, “Bom, acho que agora é o momento, vamos marcar uma reunião com todas as pessoas que a gente está conversando”.

Aí a gente marcou e começou a pensar nisso, em como se organizar, como fazer isso, que é uma forma de denúncia de que essas pessoas, que são torturadores ou que fizeram parte desse sistema, tanto como talvez financiadores, médicos, enfim uma

engrenagem muito grande, para as pessoas saberem que elas existiram, que elas não foram punidas, que elas estão aí. Porque também quando você conversa com as pessoas nas ruas, e você fala que isso existiu e que as pessoas não foram punidas elas falam, “Nossa, mas como? Como assim, essas pessoas não foram punidas? ”.

Sei lá. Quando você vai conversar com alguém que está tirando xerox de alguma coisa do gênero, a pessoa fala, “O que você está fazendo”, aí você fica meio assim, explica por cima e a pessoa fala “Nossa. Mas essas pessoas estão aí? Tipo, elas moram aqui? ”.

E aí a gente fez, é a gente fez o primeiro escracho que foi do Chibata, que era um médico que participava dessa estrutura e realmente o que a gente percebeu que foi muito legal, quer dizer, a gente não, o que eu achei mais legal é que a gente colocava cartazes nas ruas e na vizinhança, em volta das casas.

E as pessoas realmente percebiam que sei lá, essa pessoa que está aí podia ser vizinha dela, podia ser, sei lá, cliente na farmácia dela. Faz as pessoas terem uma visão diferente da coisa, sabe? Não fica estigmatizado, sabe? Só, meu Deus, tem uns militantes que ficam falando de uma coisa do passado e que saco, que não sei o quê.

E de repente não. De repente, tipo a pessoa que você encontra no elevador é um torturador. E sei lá, fazer as pessoas tomarem mais consciência disso, conhecerem melhor a história e o que eu gosto mais dessa ação não é essa parte pequenininha que é, nessa pequena vizinhança, nesse pequeno prédio todo mundo vai saber que no seu prédio existe um cara que foi torturador na ditadura e que está livre, que está aí.

E que a gente ainda não fez nada, que a gente, enquanto país, não fez nada em relação a isso. E é isso.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – A outra netinha. Não. Está bom. Então vai. Depois, ah, filha do João, legal.

Outro dia que eu soube, Amelinha, que o João é o irmão do Chico, eu não sabia. Como o João é mais bravo que o Chico, assim, e está sempre do lado do Aloysio, o que

o leva sempre a estar à beira de um ataque de nervos, aí até ia lhe contar, Candinha, mas vamos terminar isso aqui.

É super mal-humorado e aí eu descobri o porquê, a fonte.

Então vamos lá.

Dulce, fala um pouco. Porque como aquele Teatro de Arena era aquela loucura toda, acontecia de tudo principalmente, fala um pouco de como a Heleny transitava naquilo tudo lá, Plínio...

A SRA. DULCE MUNIZ – Bom, eu vou tentar ser bem rápida. E para confirmar...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Porque vocês falaram assim, quando fala da Heleny, todo mundo que fala da Heleny associa muito com o Boal, com Boal, com Boal. Então pegou esse lado da...

A SRA. DULCE MUNIZ – O Ulysses quer falar uma coisa. Fala, Ulysses.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Vai lá, é importante, é importante. Só fala o seu nome. Fala aqui, senão você fica desconfortável, para recuperar a gravação.

O SR. ULYSSES GUARIBA – Nesses anos 1960, a ligação pessoal da Filosofia com o Arena era muito próxima. Tinha ali o Bar do Redondo, e praticamente a gente vivia ali na Maria Antônia, na esquina. E na formação da Heleny e o interesse dela por teatro veio fundamentalmente do Boal. O Boal é que, de certa forma, estimulou, orientou, ela fez uma assistência, se não me engano foi na Mandrágora, quando foi montada a Mandrágora em 1965 ou 1966 acho, até tinha um rapaz que era

muito ágil e tal, e o Boal dizia, “Esse camarada vai fazer sucesso” e tal, é o, qual o nome dele?

A SRA. DULCE MUNIZ – De quem você está falando?

O SR. ULYSSES GUARIBA - Que fazia Mandrágora.

A SRA. DULCE MUNIZ – Ah, que fazia Mandrágora. Era o Juca, não era?

O SR. ULYSSES GUARIBA – Não, não era. Era o, esse famoso da televisão aí.

A SRA. DULCE MUNIZ – A Mandrágora? Ah, o Lima?

O SR. ULYSSES GUARIBA - Lima Duarte? Não. O Lima Duarte chegava no Arena, ele era trabalhador. Então ele chegava no Arena, nesses anos 1960, com um capote fechado, não falava com ninguém, tinha aquela cara de mau, entrava no Arena, se trocava lá para representar e aí ele virava uma outra pessoa. Depois saía também sorrateiramente, era uma figura.

O Fagundes, era o molecão que apareceu lá no Mandrágora. Então toda, ela, a Heleny começou a aprender essas coisas de teatro e daí, na faculdade, se interessar por dramaturgia.

Quer dizer, com uma série de cursos de Estética, ela se voltou para a leitura do Brecht e dos pós-brechtianos. E essa ligação do Arena, eram dois lugares que você podia ir que eram saudáveis culturalmente. Era o Arena e o Oficina e do José Celso, de todos eles, era outro local, onde foi lá que afinal de contas o Boal ensinou as coisas básicas de espetáculo e depois, ela foi aprender com o José Celso lá no Oficina.

Todas as montagens que ele fez, o Augusto, as montagens todas que ele fez dos brechtianos, eram montagens que ele pegava, ele recebia do Berliner Ensemble, lá da Alemanha as fotografias inteiras do Brecht, das montagens do Brecht, e adaptava para o Oficina, então o grupo lá era um grupo muito vivo, quer dizer, e aos poucos foi ganhando autonomia, se individualizando, e eram os dois centros, que se discutiam as questões, questões nacionais, faziam parte daquela movimentação toda de se discutir a tal realidade brasileira dos anos 1950 dizendo início dos anos 1960. E era o Oficina e o Arena. Foram os dois lugares que levaram à formação dela e a procura de se especializar a além.

Porque a grande discussão do José Celso foi como ser pós-brechtiano, e a do Boal também foi como se exprimir.

Agora, uma coisa que eu queria deixar registrado aqui foi que, aí a organização, quando ela estava na EAD se surgiu à ideia de fazer um grupo de teatro lá.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Na EAD?

O SR. ULYSSES GUARIBA – EAD, Escola de Arte Dramática. E esse grupo, isso começou porque haviam vários, vários atores que tinham feito teatro amador em Santo André. A Sônia, o Petrin, e tinha um grupo. Quando nós organizamos era para fazer a experiência de um teatro popular em Santo André. Montar um grupo que tinha a experiência de amador para mais profissional e ocuparia com a inauguração do teatro Rino Levi.

A SRA. DULCE MUNIZ - O Miller era o secretário.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Está alternando a fala do Ulysses com a Dulce, para efeito de gravação.

O SR. ULYSSES GUARIBA – O que possibilitou tudo isso foram duas figuras que merecem, eu vejo pouco falar. Um deles era o Miller, que o diretor de cultura do Brandão, de Santo André. Brandão era um prefeito da Arena, de Santo André. E no entanto, ele diz “Eu quero”, dava autonomia ao Miller para ele organizar um teatro popular. E montar um grupo, fazer o grupo se profissionalizar, deu toda a sustentação até financeira, dava uns cobres de vez em quando para a turma tomar lanche.

Nós passamos lá seis meses ensaiando, teve uma participação muito grande na montagem do George Dandin, que foram os cenários, o cenário foi todo feito pelo Flávio Império, que montou o cenário. O espetáculo foi muito bonito, fez muito sucesso.

Naquela época para se ter uma ideia, o Roda Viva, aqui em São Paulo, que era o espetáculo maior aqui em São Paulo, foi um sucesso extraordinário. Foram 80 mil pessoas que assistiram o Roda Viva em São Paulo. Depois foi, os militares ameaçavam provocar, invadir.

A SRA. DULCE MUNIZ – O CCC invadiu, o CCC - Comando de Caça aos Comunistas invadiu o teatro, bateu nos atores, nas atrizes e teve um que morreu afogado em uma das caixas d’água do teatro.

O SR. ULYSSES GUARIBA – Mas foi um sucesso o Roda Viva. Oitenta mil pessoas assistiram em São Paulo. O de Santo André, assistiram 40 mil pessoas. Porque era um programa que se fazia assim, nós tínhamos, tinha um grupo grande, eu fui produtor lá e organizei o trabalho. Mas tinha um grupo grande, que a gente pegava o pessoal das escolas. Todas as escolas de Santo André foram ao espetáculo.

O espetáculo, passava o espetáculo e depois tinha um longo debate, um debate onde todo mundo participava, se lembrava coisas do espetáculo, era, a ideia era essa coisa que é fundamental. Você não faz cultura sem ter público. O problema era a formação desse público. Essa era a grande discussão, de como isso poderia ser desenvolvido no Rino Levi.

Agora, o que acabou com a experiência foi o AI-5. No dia do AI-5, nós estávamos fazendo uma apresentação do espetáculo em São Caetano, no ginásio lá de São Caetano, e paramos às 18h para escutar a leitura do Ato Institucional No. 5. A partir daí fizemos o espetáculo e praticamente encerrou o grupo. Porque cada um, de alguma forma, foi protestar em algum lugar.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – A leitura foi às 20h, não foi a leitura?

O SR. ULYSSES GUARIBA – Exatamente. Foi no fim da tarde. Eu vi que estava escurecendo, quando foi anunciado o AI-5. A partir daí, o pessoal, cada um foi para um caminho, inclusive político. Ali era um grupo grande. Porque tinha, tinha de tudo ali. Tinha desde o Grupo dos Onze, o pessoal do Partido Comunista, o pessoal trotskista, o pessoal da tradição, o pessoal da vida cultural de Santo André, que sempre teve uma atividade, tinha atores, tinha diretores. Então, era um grupo todo que se reunia em função de um projeto cultural e político importante, que era, de certa forma, você debater a cultura com a comunidade.

Isso só foi possível, precisa se registrar, devido a esse prefeito que foi da Arena e ao Miller, foi o diretor de cultura.

A SRA. DULCE MUNIZ – Eu queria falar uma coisa que o Ulysses falou aí, que o Arena tinha muita gente, é uma questão de curiosidade, acho até que muita gente sabe. Mas um dos secretários do Teatro de Arena nos anos, não sei de 1967, 1966, foi o José Dirceu. Está lá no programinha, secretário, José Dirceu de Oliveira e Silva.

Então, para tentar rapidamente falar sobre como a Heleny transitava, como eu disse naquele depoimento, a Heleny era uma das inteligências mais brilhantes que a gente podia ter. Por isso é mais terrível ainda pensar que uma cabeça daquelas foi embora com 30 anos. É uma verdadeira tragédia.

E a Heleny tinha essa capacidade. Você vê que o frei Betto fala, eu falo na peça, era miúda, era pequena. Ela tinha uma capacidade de aliar aquela brilhante inteligência que ela tinha a uma refinada sensibilidade. Ela era capaz de perceber coisas, e ela era uma articuladora.

Então, a Heleny transitava bem. Por exemplo, o Boal é um grande articulador, um gênio, uma das maiores inteligências do mundo, e ele é quem chama a Heleny para dar aula na EAD. E depois ela conhece, claro, quando o Boal se casa com a Cecília, ela, também com a Cecília, cria esse curso de interpretação do Arena. E a Heleny, na curta vida profissional que ela teve, porque na verdade profissional mesmo, ela só fez o George Dandin, e que ela ganhou o prêmio de revelação.

Ela teve uma montagem que não era profissional, lá no Instituto de Artes, Decoração na EAD, pequena, e lá quando ela dava aula no curso da Aliança Francesa. Ela tinha planos de montar com o Teatro da Cidade, o “Rocco e Seus Irmãos”, o “Ricardo III” e fez, a última tentativa dela de montar com a gente, de montar então “O Casamento do Fígaro”. E ela tinha a comunidade teatral da época, tanto que você vê, o Ulysses fala que tinham dois centros de cultura e de arte que era o Oficina e o Arena.

Hoje a gente tem, graças a Deus e aos nossos esforços, muitos grupos, muitos centros e tal. Então, ela era respeitadíssima pela comunidade teatral daquela época, que era bem pequena, e nós todos nos reconhecíamos. Eu, por exemplo, que era uma jovem aluna do Teatro de Arena, em algumas vezes eu me vi em restaurante, porque era uma prática, terminava o espetáculo e a gente ia aos restaurantes, sentada na mesma mesa em que estava a Heleny e do outro lado, por exemplo, o Walmor, Walmor Chagas. E a gente tinha, e todo mundo tratava a gente com muita delicadeza.

Então, a Heleny, por exemplo, quando ela dava aula na EAD, ela fez uma montagem extraordinária, eu não gosto e nem ela gostava, do Nelson Rodrigues, mas ela fez como desafio, ela fez uma montagem extraordinária do Nelson Rodrigues, Dorotéia. “O Globo” estampou em manchete, um escândalo, não sei quê. Então, ela tinha essa capacidade de mexer com aquilo que era mais ou menos estabelecido.

Ela era uma viva tentativa de transformação. Ela, a pessoa. E ela fazia isso em todas as coisas que ela fazia para a gente. Ela teve muitos alunos lá na EAD. Ela foi

professora de muita gente, formou o grupo lá na EAD com Petrin, Sônia Guedes, com Anibal Guedes.

E no Teatro de Arena, só para citar algumas pessoas para ver a capacidade que ela tinha de formação, tem vários nomes que tem por aí, mas, por exemplo, o Celso Frateschi. O Celso Frateschi começou a fazer aula no Teatro de Arena com a Heleny. Ele tinha 16 anos, e hoje o Celso não é só um ator reconhecido, festejado, mas também é um homem que participa das elaborações das culturas. É um pensador de teatro.

A Denise Del Vecchio, também foi aluna. Era menininha também, tinha 17 anos, começou com a Heleny. Então, a Isa Kopelman, hoje é uma doutora, lá na Unicamp, a Lilita de Oliveira Lima, a Maria Sílvia infelizmente morreu, também, uma aluna que ficou muito, fez muito cinema nacional, na época que o cinema não tinha essa coisa toda, mas cinema de grande qualidade. A Maura Arantes que também infelizmente se matou. Mas enfim, a capacidade que a Heleny tinha de ir entre todos, era a capacidade de uma articuladora e de uma transformadora.

E quero frisar bem, Heleny sempre fazia tudo com muito respeito a todos, com muita ética e com muita integridade. Ela não era do tipo que vai para cima como trator. Nunca foi. Ela era uma argumentadora, ela era uma pesquisadora e uma estudiosa.

Então, é o que eu falo para vocês todos. A Heleny, a ditadura roubou muitas coisas do povo em geral. Mas nós em particular do Teatro, roubou uma possibilidade que o Teatro poderia ter tido de ser um pouco diferente do que é. Ela poderia ter colaborado muito. Então, e particularmente mesmo, pessoalmente uma perda para mim absolutamente devastadora.

Eu sei que quando ela desapareceu, fez um corte na minha alma e no meu corpo. Eu sei que esse depoimento hoje aqui, por exemplo, penso que é retratar, claro que, por exemplo, uma pessoa que eu senti falta aqui, o Izaías Almada, porque o Izaías tem um depoimento muito lindo, porque o Izaías...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Izaías Almada.

A SRA. DULCE MUNIZ – É. O diretor, ator, que também foi do Arena. O Izaías, hoje um jornalista, um grande escritor, maravilhoso escritor, tem um livro belíssimo que acabou de sair que é o “Sucursal do Inferno”.

Ele faz um depoimento, e é a última coisa que eu vou falar então, que ele tinha optado por não ficar mais na luta armada. Mas a Heleny não. E ela foi encontrar com ele no Arena, ali no Redondo, e ela tentou argumentar com ele, mas logo eles perceberam que ele não iria mais, mas que ela iria.

E ele termina o depoimento falando, “E ela se afastou e eu fiquei olhando para ela e pensando”.

Então, essa é a Heleny Guariba.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Então, no teatro, sábado à noite.

A SRA. DULCE MUNIZ – Domingo à noite. Às 19h.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O filme quando é?

A SRA. DULCE MUNIZ – O filme do Alípio é no sábado, às 15h.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Precisa confirmar?

A SRA. DULCE MUNIZ – Não. Está confirmado. Só se...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Não, confirmar a presença, porque tem limitação.

A SRA. DULCE MUNIZ – Ah, sim, tem que registrar, sabe por quê? Lá no Memorial esperavam 120, 180, alguma coisa assim, 400 pessoas. E lá no nosso teatrinho o telefone não para de gente que quer.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Só uma coisa. O Chico se animou, vai dar uma palavrinha.

A SRA. DULCE MUNIZ – Ah, que ótimo, Chico.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – E a nossa inspiradora aqui, Amelinha, dá o fechamento.

O SR. FRANCISCO GUARIBA – Bom, quando minha mãe morreu, eu e meu irmão a gente era muito criança. A gente tinha 7 anos eu, 4 anos, ele. E para nós é muito difícil, assim, principalmente falar sobre o assunto. Principalmente participar dessas questões. Foi sempre um processo muito difícil. Sobrevivemos graças ao meu pai que nos cuidou efetivamente muito bem, nos educou.

Eu queria agradecer muito esses depoimentos, esses trabalhos que é de profundo depoimento de quem viveu com ela, quem sabe da importância dela.

Pela minha dificuldade, até de tratar dessas questões, eu tive, até participei um pouco, né, Amelinha, muito pouco. A gente se conheceu lá pelo começo dos anos 1990. Mas daí eu tive minha filha mais velha, a Cândida. E a Cândida, a gente sempre foi muito próximos um do outro. A gente sempre teve uma afinidade muito grande de princípios, de...

E aí quando a Cândida estava ainda adolescente, que ela tinha 15, 16 anos, ela estava trabalhando comigo já, ela foi minha assistente dos documentários. Eu faço documentários, documentários policiais, documentários ambientais. E a Cândida era muito responsável, ela com 16 anos foi minha assistente.

E aí eu falei, “Filha, quero te pedir uma coisa. Eu tenho muita dificuldade de trabalhar a questão da memória da sua avó. E que não é só a memória da sua avó que precisa ser trabalhada, mas é a memória do país”.

O que aconteceu? Hoje a gente ainda sofre profundamente as desigualdades, as violências, está na raiz do país, mas que teve períodos muito mais fortes, que foi na época da ditadura. E que a gente sofre muito com isso e uma série de questões.

E eu pedi para a minha filha, “Filha, será que você não pode assumir um pouco essa questão da memória da sua avó? Mas a memória da sua avó não, enquanto pessoa, não como querendo trazer um benefício para ela ou para a família, nada disso, sempre pensando no coletivo. Gostaria muito que você participasse das Comissões, que participasse disso, mas sempre pensando no coletivo, no coletivo das pessoas que sofreram. Não para nós, porque o que nós sofremos pessoalmente, a gente sofreu, já está na carne esse tipo de processo. Então, como você tem esse distanciamento, eu queria que você participasse dessa luta, mas sempre pensando, nunca, sempre pensando no coletivo das pessoas, no resgate da memória do coletivo. Porque é isso, até sua própria avó pensava todas as questões na transformação do país. Então, vamos fazer esse trabalho, faça esse trabalho pensando um pouco, sempre no coletivo”.

Então, eu queria na verdade agradecer, dizer que eu tenho muito orgulho da minha mãe, agradecer todos os depoimentos, o meu pai, e agradecer também muito a minha filha, eu também tenho muito orgulho dela. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – **Amelinha. Amelinha Teles.**

A SRA. AMELINHA TELES – Bom dia ou boa tarde. Eu quero também agradecer a todas as pessoas que vieram nessa audiência, viu, Chico? Antes, eu quero falar umas palavrinhas para você e para a Cândida. Mas antes eu quero dar uns avisos aqui.

A Marilena Chauí pediu para avisar que gostaria muito de estar aqui hoje nessa audiência, porque ela também foi amiga, companheira da Heleny Guariba. Mas ela não pode estar aqui hoje. Mas ela se dispõe a vir em qualquer momento para dar um depoimento também.

E é bom que a gente esclareça o seguinte, nós temos uma programação de audiências, mas essas audiências podem se desdobrar em outras audiências ou podem ser adiadas, ou duplicadas, porque aqui o espaço, eu acho que esse espaço das audiências é para, de uma certa forma, recompor a história do país, a história do país, e trazer a memória, a verdade, e é uma forma também de fazer justiça a essas pessoas.

Queria dizer também que o Paulo Celestino, ele foi pouco mencionado aqui nessa audiência porque nós, todos os esforços que nós fizemos não foram suficientes para trazer nenhuma pessoa da família ou vinculada com conhecimento dele. Mas nós continuamos fazendo os esforços e provavelmente vai ter uma audiência do Paulo Celestino.

Talvez a gente consiga, em uma próxima audiência, trazer familiares ou amigos do Paulo Celestino, porque ele estudou na Universidade de Brasília, lá tem uma Comissão da Verdade, e nós queremos trazer as pessoas da Comissão da Verdade, que estão investigando lá para trazer as informações aqui e quem sabe, se a Marilena Chauí possa vir nesse dia também para novamente trazer a público, trazer nesse espaço a Heleny Guariba.

Mas então, eu vejo assim que a Heleny Guariba é uma pessoa, ela cresce todo dia. Cada vez que eu tomo conhecimento, porque é uma pessoa que eu não conheci. As nossas militâncias eram muito...A minha militância era totalmente clandestina. Então, eu tenho inveja desse pessoal que foi para o teatro, que conheceu essa vida cultural mesmo que reprimida do país, porque eu não tive essa oportunidade. E aí, quando eu tomo conhecimento da Heleny Guariba, nessa luta nossa, que são quantos anos, teria

que ter muitas mãos para contar quantos anos, não é, Ivan? Eu vejo que essa Heleny Guariba é uma figura, ela vai crescendo aqui, diante de nós, porque é mulher do teatro.

Nós temos assim, pelo menos 56 mulheres mortas e desaparecidas políticas, as quais nós temos que estar sempre lembrando. Aqui no Estado de São Paulo nós estamos trabalhando com um universo de 154 casos de mortos e desaparecidos políticos, sendo que 11%, desses 154, são mulheres. Talvez aqui tenha mais mulheres do que em outro. Tem Estado que só homens são lembrados, não tem nenhum nome de mulher. Aqui tem essas mulheres.

Então, dessas mulheres, eu acho que a Heleny Guariba, ela se destaca pelo que ela fez pelo Teatro em tão pouco tempo de vida. O que ela fez pelo Teatro, nós não vamos ter nenhuma outra com todas, porque todas têm uma dimensão muito grande. Então, quando se fala em cada morto, cada desaparecido, aqui parece que ele nasce de novo, porque você vê, quer dizer, a ditadura ceifou as vidas com um potencial enorme para uma transformação social, política desse país. Ela foi uma ditadura muito seletiva. Ela escolheu quem ela deveria cortar a cabeça.

Agora, do teatro é a Heleny Guariba. Eu acho que o Ministério da Cultura, todo o Estado brasileiro devia ter uma, trazer, fazer um trabalho assim, um memorial e trazer a público essa figura e a participação.

Eu vendo vocês falarem, cada um que falou aqui, que também é do Teatro, até a Elza Lobo, que eu conhecia mais como uma militante política, do que como uma mulher do Teatro, não sabia. Fiquei assim. Quer dizer, são surpresas na vida que a gente sempre tem. E surpresas muito boas.

Então, eu acho que tinha que ter um memorial assim da cultura, e até ter um prêmio da cultura que chamasse Heleny Guariba, que tivesse seminários, fossem feitos seminários aí no meio teatral, no meio cultural, que a Comissão da Verdade do Teatro traga Heleny Guariba como uma figura central, porque essa mulher tem uma contribuição, eu, francamente, o Chico sabe quantos anos nós falamos dessa mulher.

Agora, ela cresce a cada momento que eu vejo vocês falando dela.

Agora, Chico, você sabe que você é um filho meu. Então, quando você fala, eu vejo o João e o Chico, vocês podem estar onde estiver, estão longe de mim, não tem

problema, filho é assim mesmo, fica longe, mas eu vejo você falar, eu fico muito emocionada porque meus filhos podiam estar aí no seu lugar também. Sabe como? Você está entendendo o que eu estou falando? Eu podia ser lembrada, pouco lembrada, mais ou menos lembrada. Mas meus filhos estariam aqui, como você, você e o João. Então, eu vejo, é muito forte isso.

O Chico, não sei. O Chico olha para a cara da gente, não é, Chico? Tem hora que você chega, olha, não fala, mas eu sinto. É o sentir. É muito forte.

A Cândida, o dia que ela apareceu nesse movimento, eu acho que essa menina, eu tenho muito orgulho de ver a Cândida nesse movimento. Eu acho que ela trouxe muita emoção para nós, muita força. Revigorou. Sabe? Eu vejo assim, eu sempre falo que a ditadura, ela atinge, antes eu falava que ela atingia três gerações. Hoje eu falo que ela atinge a quatro. Porque ela atingiu meus pais, ela atingiu minha geração, ela atingiu meus filhos e agora eu vejo que ela atingiu os netos, que é a quarta geração. Porque a Cândida vive isso de uma outra forma, ela vive isso e traz isso e ela transforma isso em luta, em política, em manifestação.

E já aproveito e dou um recado para frente, do esculacho, do escracho, ou popular como chama, faz mais escracho, faz mais escracho, gente. Porque a Comissão da Verdade, se ela não sair para a rua, se não tiver a rua pressionando, aqui não acontece nada. E nós temos que avançar, porque o trabalho dessa Comissão da Verdade também é de investigação, também é trazer informações, esclarecer. Então, faz mais escracho. Está faltando escracho popular por aí afora. Não interessa se convida ou não, mas que faça o escracho, que faça o escracho.

Eu acho tão, eu fico muito orgulhosa, quando eu passo ali na Brigadeiro, até hoje o escracho do Homero está lá. Então, está lá a Sônia, a fotinho Sônia de Moraes, do Antônio Carlos Bicalho Lana e do Virgílio, que é os três que ele matou. Eles estão lá no cartaz. Isso eu acho importante.

E agora, deixa eu ver o que que é. Pediu para, ah, já entendi. A Maria Luiza Bierrenbach, que está ali, ela está representando o José Carlos Dias, que foi o advogado da Heleny Guariba, então aqui representado, que a gente não tinha mencionado.

E queria dizer, que esse mês a gente gostaria de estar falando das mulheres, porque é o mês, a gente se organizou para isso, dar ênfase às mulheres. E no dia 25 de março, vai ter um debate, uma mesa de debate sobre Verdade e Gênero, com uma pessoa muito importante que estuda isso, uma filósofa, teóloga, que é a Ivone Gebara, e nesse dia nós vamos estar fazendo uma homenagem a Inês Etienne.

Porque Inês Etienne é outra figura também que tem a história dela, e ela tem, é a única sobrevivente da Casa da Morte, então ela traz informações que se não fosse por ela nós não saberíamos, por exemplo, que, a Inês afirma que a Heleny Guariba esteve na Casa da Morte, e que se não fosse essa informação, nós não poderíamos ter mais informação dela. Ela desaparece. O que acontece? A Inês fala.

Então, aqui tem um depoimento, um trecho do depoimento que a Inês Etienne, que ela faz na Ordem dos Advogados do Brasil, no Conselho Federal, no Rio de Janeiro, ela faz esse depoimento, em 1983, parece que em 1983. Eu vou ler só um trechinho. Isso é a Inês, o depoimento dela.

“No mês de julho, estiveram na Casa dois militantes da VPR e um da ALN. O primeiro penso ser Walter Ribeiro Novaes, ex-salva-vidas de Copacabana. Márcio me afirmou que o mataram inclusive na época, 8 a 14 de julho de 1971, houve uma ruidosa comemoração em virtude de sua morte. O segundo é uma moça, que acredito ser Heleny Guariba. Foi barbaramente torturada durante três dias, inclusive com choques elétricos na vagina.

O terceiro é Paulo de Tarso Celestino da Silva, que foi torturado durante 48 horas por Dr. Roberto Laecato, Dr. Guilherme e Dr. Teixeira, José Gomes e Camarão”, que já foram denunciados aqui, já hoje. “Colocaram no pau de arara, deram-lhe choques elétricos, obrigaram-no a ingerir uma grande quantidade de sal. Durante muitas horas eu o ouvi suplicando por um pouco de água”.

Esse depoimento a gente está reforçando, ele foi lido aqui, ele consta no dossiê de mortos e desaparecidos políticos, mas é importante a gente lembrar que se não houvesse esse depoimento nós não saberíamos por que até hoje o Estado brasileiro não deu nenhum esclarecimento de como foi sequestrada, torturada, assassinada e o ocultamento dos cadáveres da Heleny e do Paulo Celestino.

Obrigada.

A SRA. – (ininteligível 02:39:22).

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Tudo bem. Você quer fazer uma encenação, uma fala, um monólogo, o que é?

A SRA. – (ininteligível 02:39:27).

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Então, vamos. Você quer o microfone? Se apresenta, fala seu nome.

A SRA. FERNANDA – Eu sou Fernanda, sou da Kiwi Companhia de Teatro, nós estamos com um trabalho também que pretende no mínimo desvelar a história do nosso país para que a gente possa pensar criticamente sobre o país que a gente tem hoje. E a gente trabalha a partir de vários depoimentos de ex-presos e presas políticas e pessoas também que desapareceram. O trabalho chama “Morro como um país” e a gente queria trazer um pequeno trecho em homenagem há esse dia e a todos os grupos de teatro que é muito importante, que é assim:

“Quando os presos políticos queriam fazer Teatro, eles o reduziam a uma expressão estática, só falada, sem gestos. A imaginação dos espectadores fazia o resto. O narrador fala baixo. Sua voz apenas mais alta que um sussurro desliza e abarca todo o recinto. Baixa, para evitar que os guardas o escutem. Assim o homem, encostado na parede vai falando, descrevendo. Os outros, os homens sentados no chão, têm os olhos fechados e imaginam um cenário, uma situação.

A voz que fala agora muda. Começa com eu. Fica mais grave. É outro. Alguns dos sentados, os que imaginam contraem os rostos com a emoção. Quando se abre a porta no fundo do corredor e aparece o guarda da prisão, já no mesmo instante a situação é outra, os homens falam banalidades.

O carcereiro não poderá saber nunca que aí, onde quase tudo é proibido, debaixo do seu nariz os prisioneiros estavam fazendo uma obra de Teatro. O guarda sai. O narrador volta a falar e então termina a sua fala. Os homens, as mãos dos homens, que estavam sentados, se elevam e começa um aplauso silencioso, aplauso sem juntar as mãos, apenas abrindo e fechando os dedos das mãos. Altas. Separadas”.

Esse é um trecho do livro do Flavio Kusti, em que ele fala sobre diversas formas de resistência nas prisões, e o Teatro era uma das formas de resistência. E o Teatro tem que ser uma das formas de resistência ainda hoje. O Teatro tem que responder ao perigo de uma época. E é isso que a gente tem que fazer. Essa nossa missão mínima. Nossa obrigação.

Parabéns, obrigada pelo depoimento de todos vocês.

Obrigada, Heleny Guariba. Obrigada, Dulce, pelo trabalho que vocês fazem no 184 que também é muito importante para a gente.

E estão todos e todas convidadas para assistir, estar com a gente também no “Morro como um país”. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Pessoal, então eu vou antes de fazer os agradecimentos finais aos familiares, deixa eu só dar uma amarrada em tudo que eu tenho para falar aqui, para não me perder.

Primeiro, hoje à tarde aqui, a partir das 14h nós vamos ter dois depoimentos importantíssimos, a Elza volta. Aí é o dela, da vida dela. E da irmã do Ivan, a Ieda de Seixas, falando da vida da família Seixas. Então, duas mulheres, hoje à tarde, ainda nessa programação do mês de março, que prioriza a vida e a história das mulheres aqui na Comissão da Verdade.

Segunda coisa é o seguinte, vai ter uma coisa muito importante, além da mudança do nome do teatro, lá do 184, que vai passar a chamar Heleny Guariba. Isso vai ocorrer no domingo, dia 17 de março, às 19h. E no sábado, no sábado, um trabalho da produção do Núcleo da Memória, um documentário dirigido pelo Alípio, que tem que fazer a reserva pelo, porque têm poucas vagas, eu estava procurando o e-mail de confirmação, o Leandro poderia me ajudar, que tem que falar, tem que marcar que é uma coisa muito importante, que vai ocorrer, no sábado. Me ajuda, Dulce, no sábado, às 15h e tem que confirmar, com que e-mail?

A SRA. DULCE MUNIZ – Não, o Teatro 184, que ainda tem esse nome.

O SR. PRESIDENTE –ADRIANO DIOGO – PT – Não mais, eu sei, mas o professor Berlintani, por favor, vamos fazer direito. Se não vocês esticam e a gente não damos o aviso fundamental. Tem que mandar, está bom, eu tenho, depois a gente dá.

Hoje à noite, no Centro Cultural São Paulo, vai ter um show do Sérgio Ricardo, importantíssimo, lembrando um show que ele deu na Poli, há 40 anos atrás quando da morte do Alexandre Vannucchi e do Queiroz, um show chamado “Calabouço”.

Evidente que não vai ser só o Sérgio Ricardo, vão ter jovens músicos, cantores, vai ser um show gratuito, importante nessa comemoração, nessa comemoração não, nessa lembrança da memória histórica do assassinato dos dois companheiros da Geologia, o Alexandre Vannucchi e o Ronaldo Queiroz. Hoje à noite no Centro Cultural São Paulo.

E amanhã, ao meio-dia, lá no prédio da Geologia da USP, vai ter uma caravana da anistia relembando o assassinato desses dois companheiros, do meio-dia às 14h lá na Geologia da USP. Alexandre Vannucchi Leme e Ronaldo Mouth Queiroz, 40 anos do assassinato dos dois.

E na Catedral, como ocorreu há 40 anos atrás, na sexta-feira à noite às 18h, Dom Paulo Evaristo não vai poder celebrar, porque foi ele que celebrou a época, mas vai ser o bispo auxiliar do Dom Paulo, o Dom Angélico Sândalo Bernardino vai presidir uma

cerimônia ecumênica fortíssima, a partir das 18h até às 20h, lembrando esse período da ditadura, que vai ocorrer na Catedral na sexta-feira, à noite, das 18h às 20h.

Para concluir, o filme é às 15h lá no Teatro da Dulce, lá no teatro que vai ter o nome da Heleny Guariba.

A SRA. DULCE MUNIZ – Teatro Studio 184.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – É. Qual é o contato lá?

A SRA. DULCE MUNIZ – O telefone não é?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O telefone, pronto.

A SRA. DULCE MUNIZ – 3259-6940.

A SRA. DULCE MUNIZ – Mas a gente, quem tem o controle das presenças é o Núcleo. Mas a gente vai, quem telefonar é claro, a gente vai anotar para falar para eles. Mas tem poucos lugares e a gente sabe que houve um tumulto lá no outro dia, então a gente pede para quem quiser ir mesmo, telefona e a gente tenta reservar o lugar.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Ótimo.

Eu nunca falo na primeira pessoa, mas esses atos do Alexandre Vannucchi e do Ronaldo Mouth Queiroz, houve um empenho muito grande em organizar essas duas cerimônias, é a primeira vez que se consegue fazer uma caravana da anistia lá na USP, apesar do Rodas.

E vai ser uma coisa muito forte, a primeira comemoração efetiva de rompimento do silêncio da ditadura, que lá na USP nem se conseguiu formar uma Comissão da Verdade até agora tais as dificuldades. E lógico que na Catedral, vai ser um ajuntamento importante e a gente está esperando reunir mais de mil, 1500 pessoas, como um protesto ainda por conta dessa situação da ditadura não estar sendo revelada, não estar sendo punida e os ditadores estão impunes.

Então, agradecemos a presença de todos vocês. Chico, Candinha, companheiro, bellissimo depoimento. Elza Lobo, Dulce, a outra netinha, como é o nome da outra netinha? Olívia, e todo mundo que se dispôs, os atores que vieram aqui.

Então, tem gente que acha que cultura não faz a revolução, só conta a revolução. Esse é um grande equívoco da História.

Sem cultura, sem ideologia, sem sentimento o mundo não se transforma.

Viva a revolução, viva o Teatro, viva Heleny Guariba! (Palmas.)

* * *

